

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

Fabricio Engelman de Leon Madeira

**Origens do Capitalismo: a presença do marxismo nas interpretações de Braudel,
Williams, Wallerstein e Wood**

**Porto Alegre
2022/2**

Fabricio Engelman de Leon Madeira

Origens do Capitalismo: a presença do marxismo nas interpretações de Braudel, Williams,
Wallerstein e Wood

Trabalho de conclusão de curso;
graduação em licenciatura em história;
Universidade Federal do Rio Grande do
Sul; História Moderna.

Orientadora Prof. Dra. Regina Weber.

Porto Alegre
2022/2

Fabricio Engelman de Leon Madeira

Origens do Capitalismo: a presença do marxismo nas interpretações de Braudel, Williams,
Wallerstein e Wood

Trabalho de conclusão de curso; graduação
em licenciatura em história; Universidade
Federal do Rio Grande do Sul; História
Moderna.

Orientadora Prof. Dra. Regina Weber.

Conceito:

Porto Alegre, 13 de abril de 2023.

Profa. Dra. Cláudia Wasserman
(UFRGS)

Prof. Dr. Pedro Telles da Silveira
(UFRGS)

Profa. Dra. Regina Weber
Orientadora (UFRGS)

*À minha família, meus amigos e a
todos historiadores e
historiadoras do mundo.*

Agradecimentos

Gostaria de iniciar esse trabalho agradecendo principalmente a minha família por ter me auxiliado materialmente e emocionalmente durante toda minha graduação e por todo apoio que me deram durante a escrita desse texto. Sem o auxílio dos meus pais, Catherine e Marcelo, esse trabalho não existiria. Aos meus avós maternos, Carmen, pelo carinho e pelos doces que me forneceu, e Juan Jose, pelos churrascos e caronas que me deu durante dois anos de graduação. Agradeço também ao meu avô paterno, João Francisco, que em todas as visitas na sua casa sempre me apoiou nos estudos. Também agradeço aos meus três irmãos, Gabriel, Thiago e Lucas, pelas ideias e por me proporcionarem momentos de descontração no período da pesquisa e escrita.

Agradeço também a minha namorada Clara, que sem as conversas, as ideias, o apoio e as vírgulas dela, esse trabalho não existiria. Também gostaria de agradecer aos amigos que fiz durante essa graduação e que se formam junto comigo, Afonso, Franchescolly, Gabriel, João Pedro e Johann, pois todos eles me auxiliaram com ideias e fizeram esse processo ser mais leve. Agradeço também a todos os meus amigos e amigas de Gravataí, que me proporcionaram bons momentos fora da graduação e amenizaram esse processo. Também gostaria de agradecer aos integrantes do Luppa, laboratório que me deu a oportunidade de aprender a realizar pesquisa histórica e onde fui bolsista por dois anos consecutivos. Gostaria de agradecer à professora Regina Weber, por aceitar orientar esse trabalho e também por me apresentar o assunto em suas ótimas disciplinas de História Moderna, Revoluções e Resistências e Histórias Conectadas. Agradeço também à banca avaliadora pela disponibilidade em realizar a avaliação deste trabalho. Por fim, gostaria de agradecer também à Universidade Federal do Rio Grande do Sul e a todos os servidores e servidoras desta instituição, espaço no qual dediquei 5 anos da minha vida para me formar professor de História.

A história está sempre recomeçando, está sempre se fazendo e se superando. Seu destino é o mesmo de todas as ciências do homem. Não acredito, pois, que os livros de história que escrevemos sejam válidos por decênios e decênios. Não existe um livro escrito de uma vez por todas, e todos nós o sabemos.
(BRAUDEL, 1987, p. 134)

RESUMO

A presente pesquisa realizou uma revisão bibliográfica sobre a origem do capitalismo, partindo desde a concepção marxiana do surgimento do sistema capitalista na Inglaterra até autores posteriores que analisam o início do capitalismo. O foco principal é a revisão das interpretações de Fernand Braudel, Eric Williams, Immanuel Wallerstein e Ellen Wood. Entretanto, também é feita uma incursão pelas interpretações de outros autores, tanto de viés marxista quanto de viés liberal. Além disso, o presente trabalho também buscou na obra de cada um desses quatro autores e autoras as relações deles com o pensamento marxista e marxiano na elaboração de seus pontos de vista. Para isso foram utilizados como referenciais teórico metodológicos conceitos oriundos do próprio marxismo como materialismo histórico, luta de classes, capital, acumulação primitiva, meios de produção e forças produtivas. A partir dessa análise foi possível concluir que esses autores, apesar de não comporem o cânone do campo marxista, se aproximam de Marx e do marxismo por alguns pressupostos, ainda que expressem conclusões específicas distintas. Outra conclusão a que se alcançou foi que cada visão pode ser complementar às outras na compreensão do surgimento do capitalismo de modo mais amplo. Portanto, esse trabalho pretendeu ampliar a bibliografia brasileira no campo da História sobre o surgimento do capitalismo, nos estudos sobre a transição dos sistemas econômicos e também no campo dos estudos marxistas.

Palavras-chave: capitalismo; marxismo; Braudel; Williams; Wood; Wallerstein.

RESUMEN

La presente pesquisa ha hecho una revisión bibliográfica sobre el origen del capitalismo, desde la concepción de Marx sobre el surgimiento del sistema capitalista en Inglaterra y pasando por autores subsecuentes que analizan el inicio de lo capitalismo. El enfoque principal es la revisión de las interpretaciones de Fernand Braudel, Eric Williams, Immanuel Wallerstein y Ellen Wood. Sin embargo, ha realizado una incursión por las interpretaciones de otros autores, de viés marxista y liberal. Además, el presente trabajo también buscó en la obra de estos cuatro autores y autoras las relaciones con el pensamiento marxista en la elaboración de estas perspectivas. Para esto fueron utilizados como metodología conceptos del propio marxismo, como materialismo histórico, lucha de clases, capital, acumulación primitiva, medios de producción y fuerzas productivas. Con este fin, fue posible concluir que estos autores se aproximan de Marx y del marxismo por algunos presupuestos, aunque expresan conclusiones distintas. Otra conclusión que se alcanzó fue que es posible que cada visión sea complementaria para comprender el surgimiento del capitalismo de manera más amplia. Por consiguiente, este trabajo intentó ampliar la bibliografía brasileña no campo de la História sobre el surgimiento del capitalismo, nos estudios sobre la transición de los sistemas económicos y no campo de estudios marxistas.

Palabras-Clave: capitalismo; marxismo; Braudel; Williams; Wood; Wallerstein.

ABSTRACT

This research produced a bibliographic review about the origin of capitalism, from Marx's conception of the rise in England of the capitalist system until subsequent authors that analyzed the beginning of capitalism. The aim is the review of Fernand Braudel, Eric Williams, Immanuel Wallerstein and Ellen Wood's understanding about the rise of capitalism. However, it is made an incursion at the marxists and liberals interpretations about the advent of capitalism. Also, searched in the work of these four authors the relations with the marxist thought in the elaboration of these aims. To this end the methodological standards were from marxism, like historical materialism, class struggle, capital, primitive accumulation, meanings of production and productive forces. So it was possible to conclude that while these authors do not compose the marxist cannon, their assumptions approach to the marxism, although express distinct conclusions. Another conclusion achieved was each aim can complement each other in the comprehension about the advent of capitalism. Therefore this work intended to expand the Brazilian bibliography in the History area about the rise of capitalism, in the economic systems transitions and the marxism studies.

Keywords: capitalism; marxism; Braudel; Williams; Wallerstein; Wood.

SUMÁRIO

Introdução	10
1. Conceitos Marxistas	21
1.1 Definições.....	22
1.2 Marx e a origem do capitalismo: A Assim Chamada Acumulação Primitiva.....	24
2. A Origem do capitalismo para Braudel e Williams	28
2.1. O capitalismo em um degrau superior da vida material.....	28
2.2. O papel da escravidão negra na ascensão do capitalismo.....	37
3. O surgimento do Capitalismo para Wallerstein e Wood	45
3.1. A formação da economia-mundo capitalista europeia.....	46
3.2. A origem agrária do capitalismo.....	54
Considerações Finais	62
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	63

Introdução

O capitalismo é um sistema econômico em que bens e serviços são produzidos para fins de troca lucrativa, em que até mesmo o trabalho humano é transformado em mercadoria. Esse sistema foi estudado, compreendido e debatido por homens e mulheres intelectuais de diversas áreas do conhecimento ao longo do século XX. Porém, ao longo da produção histórica sobre o tema, pode-se observar diversas interpretações amparadas em diferentes hipóteses sobre o surgimento desse fenômeno. Desta forma, este trabalho se propõe a realizar uma revisão bibliográfica sobre algumas interpretações sobre a origem do capitalismo. Dentre as interpretações disponíveis e/ou conhecidas, o presente trabalho se propõe a pesquisar quatro: 1) o capitalismo surgiu dentro das relações agrárias na Inglaterra do século XVI, hipótese defendida pela cientista política Ellen Wood; 2) o sistema capitalista surgiu nas cidades europeias através das trocas comerciais ainda no século XV, hipótese desenvolvida pelo historiador Fernand Braudel; 3) o capitalismo surge com a Revolução Industrial que é financiada pela escravidão africana, interpretação do historiador Eric Williams e 4) o capitalismo surge com o desenvolvimento da economia mundo-europeia tese do sociólogo Immanuel Wallerstein.

Além dessas interpretações, sabe-se que o filósofo Karl Marx no século XIX também escreveu sobre o funcionamento do sistema capitalista, e sua leitura influenciou o campo de estudos sobre a origem desse modo de produção. Assim, o objetivo secundário deste trabalho será observar a influência marxista nos autores em foco. Pois é consenso que Marx é o primeiro grande autor a propor uma análise do processo capitalista¹ e marxistas do século XX estabeleceram um repertório analítico cuja discussão se tornou obrigatória tanto para adeptos como para críticos.

A principal justificativa para esse trabalho é a relativa novidade, pois não foram encontradas pesquisas que façam diálogo entre as quatro visões abordadas sobre a origem desse sistema econômico mundial e que analisam as relações do marxismo com essas elaborações. Esse trabalho, não obstante, pretende contribuir para a ampliação bibliográfica do campo de estudos sobre o marxismo, sobre história intelectual e o campo de estudos sobre a historiografia da origem do capitalismo na modernidade.

As quatro interpretações e outras vertentes

O historiador francês Fernand Braudel interpretou ao longo de sua vasta obra que o capitalismo surgiu no mediterrâneo através de trocas comerciais ainda no século XV e que ele deve

¹ Autores como John Locke, Bernard Mandeville e Adam Smith foram contemporâneos ao surgimento do sistema capitalista e escreveram sobre o tema, pois eram entusiastas das mudanças da época. Porém, por serem contemporâneos, não analisaram o sistema em sua totalidade.

ser analisado a partir da longa duração. Já o historiador de Trindade e Tobago, Eric Williams, observou que o capitalismo está ligado principalmente ao fenômeno da escravidão africana nas Américas. Diferente do sociólogo estadunidense Immanuel Wallerstein, que interpreta o surgimento do capitalismo nas crises do feudalismo a partir do século XIII, que levam à formação da economia-mundo capitalista europeia. E por fim, a historiadora e cientista política estadunidense Ellen Wood afirmou que o surgimento do capitalismo é fruto de um processo específico do contexto social e político inglês do século XVI, através das relações entre grandes proprietários, arrendatários capitalistas e trabalhadores rurais.

É necessário pontuar que este trabalho está analisando a interpretação histórica dos autores independente de sua formação acadêmica, pois tratam-se de interpretações de um fenômeno histórico de largo alcance. Dito isso, é possível observar que dentre essas interpretações, todas têm em comum alguma influência do pensamento marxista na sua constituição. Apesar disso, os autores não são rotulados pela academia como pensadores de viés interpretativo marxista. Isso se dá porque a interpretação marxiana sobre a Origem do Capitalismo se encontra no capítulo XXIV intitulado “A assim chamada acumulação primitiva” da obra “O Capital” (1996) e tem como a base dessa interpretação o processo de acumulação primitiva. Karl Marx para ilustrar esse processo de acumulação primitiva descreve o caso da Inglaterra (1996; p. 339). Portanto, essa pesquisa tem como objetivo analisar as relações desses autores com o pensamento marxista nas elaborações sobre a origem do capitalismo.

Mesmo que essa pesquisa não se trate especificamente da análise de autores marxistas, é necessário observar que dentro da academia existiram correntes marxistas de interpretação sobre a origem do capitalismo. Essas correntes podem ser encontradas principalmente na década de 1950, quando ocorreu um debate entre autores marxistas sobre a transição do feudalismo para o capitalismo na revista *Science and Society*, que ficou conhecido como o “debate da transição”. Dentro desse contexto, a discussão que ficou conhecida foi a de Paul Sweezy *versus* Maurice Dobb. Segundo o historiador econômico Eduardo Barros Mariutti em sua dissertação de mestrado “A Transição do Feudalismo ao Capitalismo: um balanço do debate”², Dobb e Sweezy concordavam que havia um período de transição entre o sistema feudal e o sistema capitalista entre os séculos XIV e XVI, mas discordavam no papel das forças externas e internas no declínio do feudalismo.

Para Sweezy não foi a relação inter-classes que levou ao fim do feudalismo, pois analisa que o declínio do feudalismo se deu pela intensificação de um aspecto externo específico, que foi o comércio de longas distâncias envolvendo mercadorias sofisticadas³. Isso se dá porque o modo de

² MARIUTTI, Eduardo Barros. **A transição do feudalismo ao capitalismo: um balanço do debate**. 2000. 200f. Dissertação (Mestrado em História Econômica) – Instituto de Economia da UNICAMP, Campinas, 2000.

³ MARIUTTI, 2000, p. 29.

produção feudal se reproduziria sempre de forma semelhante, logo suas forças internas não seriam capazes de se transformar em um novo sistema produtivo sem a presença de forças externas. Assim, com a inserção gradual do comércio de grandes distâncias nas relações feudais, Sweezy afirma que a economia do sistema feudal foi alterada em sua base, não mais produtora de valores de uso⁴, mas voltada à produção de valores de troca⁵. Esse processo ocorreu quando os centros comerciais se estabeleceram nas grandes cidades e pouco a pouco, foram se transformando em geradores de mercadoria de uso imediato que precisavam ser abastecidos pelo artesanato de regiões vizinhas, pressionando estas unidades produtivas a acentuarem a especialização e divisão do trabalho, resultando no aumento da produtividade⁶. O aumento da produtividade determinou o aumento do volume da produção a ponto de não só abastecer as cidades, mas também o campo com a produção excedente. Portanto, fica evidente o papel das forças externas para o declínio do modo de produção feudal.

Já o economista Maurice Dobb interpretou que novas formas econômicas e relações sociais podem emergir de dentro de uma sociedade, não sendo necessária a ação de forças externas para acarretar nesta mudança. Inclusive, na concepção de Dobb um modo de produção nunca se manifesta de forma pura, com características totais, pois no interior de cada modo de produção existe uma complexa mistura de elementos de períodos antigos e de novas relações que coexistem paralelamente⁷. Para Dobb, os modos de produção se desenvolvem de acordo com suas contradições internas, e essas contradições determinam os efeitos exercidos pelos demais aspectos que podem influenciar na reprodução da sociedade⁸. Segundo Eduardo Mariutti, na explicação de Dobb, a base de toda a estrutura da sociedade nas relações feudais é determinada pelo modo como se encontram distribuídos os meios de produção e a forma de expropriação do excedente do trabalho por parte da classe dominante⁹. Sendo assim, a tese de Dobb está em torno da revolução burguesa e da transição do sistema feudal para o capitalismo na Inglaterra. A hipótese dele é que o Estado no século XVI ainda era feudal, mas em um estágio avançado de desintegração¹⁰. A razão central da dissolução do feudalismo está na revolta dos pequenos e médios produtores contra a exploração feudal - a aristocracia e os grandes comerciantes -, que ocasionou a independência parcial desses produtores¹¹. Esse processo de diferenciação social foi fruto da reação ao próprio feudalismo, que foi

4 *Ibidem*, p. 31.

5 Na visão marxiana o valor de troca é uma relação quantitativa entre diferentes valores de uso.

6 MARIUTTI, 2000, p. 34.

7 *Ibidem*, p. 15.

8 *Ibidem*, p. 17.

9 *Ibidem*, p. 18.

10 *Ibidem*, p. 24.

11 *Ibidem*, p. 27.

amadurecendo antes da emergência do capitalismo. Este seria o intervalo entre o declínio da servidão e a consolidação definitiva do modo de produção capitalista, pois o capitalismo apenas aparece após a revolução burguesa na Inglaterra, onde a reação feudal é destruída e o processo de subordinação do capital mercantil ao industrial começa a avançar¹². Mais tarde, outros autores entraram no debate e adicionaram suas contribuições, sendo estes Rodney Hilton, Kohachiro Takahashi, Georges Lefebvre, Christopher Hill, Giuliano Procacci, Eric Hobsbawm e John Merrington.

Porém, ainda antes de analisar os quatro autores propostos, se faz necessária a menção de outras três vertentes de pensamento localizadas durante a pesquisa que tentam explicar a origem do capitalismo, que não fazem parte do campo da história, mas podem ser demonstradas neste trabalho. A primeira definimos como a liberal clássica, a de Adam Smith. A segunda, é a do sociólogo alemão Max Weber. Além disso, há uma terceira teoria de formação do capital, feita pelo economista austríaco Eugen Von Böhm-Bawerk.

Antes de iniciarmos a interpretação de Adam Smith é necessário pontuar que o filósofo escocês nunca escreveu sobre a origem do capitalismo, pois era contemporâneo à formação desse sistema. Entretanto, Smith foi capaz de observar como se iniciavam as trocas comerciais e como se dava o funcionamento das primeiras fábricas. Adam Smith no capítulo “A divisão do trabalho” de sua obra “A mão invisível”¹³, afirma que a divisão do trabalho em diferentes atividades ocasiona no aumento da produtividade na fabricação de bens. Em seguida, no capítulo “O princípio da divisão do trabalho” afirma que a divisão do trabalho é uma consequência lenta e gradual da propensão natural que os “homens” possuem para escambar, permutar e trocar uma coisa por outra¹⁴. Em sua visão, o “homem” é o único animal na natureza que possui essa propensão¹⁵. Essa disposição natural para a troca, em sua visão, propiciou a divisão do trabalho. Deste modo, em uma sociedade moderna as pessoas suprem suas necessidades realizando trocas umas com as outras, trocando dinheiro por ofícios, como por exemplo, o ofício de um açougueiro ou de um cervejeiro por determinada quantia em dinheiro. Assim, na lógica de Smith cada indivíduo possui suas próprias vocações e talentos, que somados com essas disposições naturais supracitadas, permitem com que cada homem possa adquirir qualquer parte da produção que foi criada pelo talento de outro. Deste modo, podemos concluir que a visão de Smith sobre o início das trocas comerciais e da produção se encontra na natureza humana, isto é, na propensão que as pessoas possuem naturalmente a trocarem coisas umas com as outras.

12 *Ibidem*.

13 SMITH, A. **A mão invisível**. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2013.

14 *Ibidem*, p. 19.

15 *Ibidem*.

A segunda interpretação que este trabalho encontrou foi a do sociólogo alemão Max Weber que escreveu sua obra no final do século XIX e durante o século XX. No capítulo IV intitulado “Origem do Capitalismo Moderno” de sua obra “História Geral da Economia”¹⁶, o autor afirma que o capitalismo existe onde se realiza a satisfação das necessidades de um grupo humano, com caráter lucrativo e por meio de empresas, independente do tipo de necessidade. Para o autor, o capitalismo se apresenta em forma diferente nos diversos períodos da história, mas a satisfação de necessidades cotidianas baseadas em técnicas capitalistas só é peculiar no Ocidente desde a metade do Século XIX. Além disso, o autor afirma que a condição prévia para a existência do capitalismo moderno é a contabilidade racional do capital como norma para todas as grandes empresas lucrativas que se ocupam das atividades cotidianas. Max Weber colocou outras seis condições prévias às empresas lucrativas: (1) a apropriação de todos os bens materiais de produção como propriedades de livre disposição às empresas; (2) a liberdade mercantil; (3) a técnica racional, isto é, contabilizável; (4) direito racional; (5) trabalho livre e por fim (6) a comercialização da economia. Também afirma que foi no interior que nasceu o capitalismo, não nos grandes portos comerciais do Ocidente. Ele surge através da empresa permanente e racional, por uma técnica racional e por um Direito Racional. Outro ponto fundamental foi o advento do protestantismo, mais precisamente sua variante calvinista no século XVIII. O calvinismo rompe com a ideia de que o homem é apenas um administrador dos bens de Deus e passa a considerar como missão religiosa a colaboração de cada um no domínio racional do Universo através das profissões¹⁷. Este conceito de profissional forneceu aos empresários operários disciplinados, somadas com demais dogmas protestantes de ascetismo auxiliaram no advento do capitalismo.

Existe ainda uma terceira interpretação, muito semelhante à liberal clássica. Todavia, ela é proveniente de um estudioso do campo das ciências econômicas, mais precisamente de uma escola heterodoxa, a escola austríaca. O estudioso é o economista austríaco Eugen Von Böhm-Bawerk, e ele escreve uma teoria sobre a origem do Capital em sua obra “Teoria Positiva do Capital”¹⁸. No entanto, esta pesquisa não logrou encontrar na obra do autor uma origem histórica de formação do capitalismo, ou de transição do feudalismo para o capitalismo. O que foi encontrado é que Böhm-Bawerk apenas na Seção IV de sua obra discorre sobre como se dá a formação de capital em uma sociedade. Entretanto, o autor não se baseia na materialidade histórica dos fatos, ele desenvolve abstrações para provar seu ponto de vista. Em primeiro momento, para ele, a tese correta de

16 WEBER, M. **História Geral da Economia**. Capítulo IV. In: Os Pensadores Max Weber. São Paulo: Editora Abril, 1980. 2 ed.

17 *Ibidem*, p. 176.

18 BÖHM-BAWERK, Eugen von. **Teoria Positiva do Capital Vol. 1**. 2ª edição, São Paulo: Nova Cultural, 1988.

formação de capital é que esse provém da poupança e da produção. Para provar essa sentença o autor faz um exercício de imaginação com o personagem Robinson Crusoe, onde ele escreve que¹⁹

“um tal Robinson, que, tendo perdido todos os recursos, foi lançado a uma praia solitária. Por não ter capital algum, inicialmente tem de conseguir seu sustento da maneira mais primitiva, por exemplo recolhendo frutos silvestres. Que deverá então acontecer para que ele possa chegar a possuir um primeiro capital, digamos, um arco e flechas?”

Portanto, após algumas explicações, o autor demonstra que para Robinson conseguir um primeiro capital ele deve poupar 1 hora de suas 10 horas de trabalho diárias de coleta de frutos para poder produzir um arco e flecha, e assim criar seu primeiro capital. Tendo isso em vista, é observável a partir dessa leitura que o autor não se interessa em explicar uma formação histórica e social do capital, para ele basta apenas que um suposto ser-humano seja lançado em uma ilha deserta e que pode gerar capital. Além disso, o autor nem sequer considera os conhecimentos prévios que um ser humano necessita saber para poder construir ferramentas de caça e gerar esse capital. Contudo, o autor afirma que este é apenas um simples exemplo, e em seguida, para tornar as coisas mais próximas da realidade ele realiza uma nova abstração, agora explicando a formação de capital em uma cidade de 10 milhões habitantes²⁰. Assim, fica evidente que o autor não se utiliza da História para explicar suas teorias, apenas abstrações, portanto, não tenta encontrar nos fatos históricos a resposta para a formação do capital ou do sistema capitalista.

Feitas essas ressalvas, trataremos agora de revisar as explicações dos quatro autores que serão analisados neste trabalho. Eric Williams vincula o capitalismo à industrialização, e que, esse processo foi financiado pelo comércio de pessoas escravizadas durante o mercantilismo. Além disso, segundo o analista de relações internacionais Marcelo dos Santos Durante em sua dissertação de mestrado em Desenvolvimento Econômico intitulada “As Relações entre a Escravidão e o Capitalismo: leitura da trajetória intelectual de Eric Williams de 1932 a 1944” (2021), a denominação de “comércio marítimo triangular” entre África-Grã-Bretanha-Caribe elaborada por Williams é tratada como o principal mecanismo de acumulação de capital. Essa acumulação foi essencial para financiar a industrialização da Inglaterra e por consequência o advento do sistema capitalista nesse país. Para ele, a origem do capitalismo se deu com os recursos provenientes da escravidão africana que financiou o processo de industrialização da Inglaterra. Porém, essa tese de Williams sofreu diversas contestações por parte de historiadores mais recentes, como demonstrado

¹⁹ *Ibidem*, p. 210-211.

²⁰ *Ibidem*, p. 216.

por Carlos Leonardo Kelmer Martins em seu artigo “A tese de Williams e o Antigo Sistema Colonial: notas sobre um debate clássico” (2012). Kelmer afirma que ocorreu um intenso debate sobre o assunto da escravidão como principal “motor” da revolução industrial. Desta forma, muitos historiadores tentaram refutar a tese de Williams com estudos mais recentes. Entretanto, também houve novos historiadores que se propuseram a provar a tese de Williams e comprovaram que houve de fato a utilização de capital proveniente das ilhas do caribe no processo de industrialização da Inglaterra. Contudo, o que nos interessa é mostrar as relações desse autor com o marxismo e com o pensamento de Karl Marx em suas elaborações. É importante destacar que Durante afirmou que Marx nunca foi citado nas obras de Williams, mas que houveram reflexões sobre a “luta de classes” e a “valorização do capital” para demarcar o período de transição entre o período mercantil e o industrial que a Inglaterra experienciou²¹. Isso se deu porque, quando Williams fazia seu doutoramento na Inglaterra, o marxismo não era a corrente de pensamento do *establishment* universitário. No momento da defesa de sua tese de doutorado, a corrente de pensamento que era dominante sobre o tema do tráfico de escravizados era a humanitarista, que dava um papel central à moral e à ética cristã no combate de pessoas escravizadas²². Logo, nesta pesquisa faremos uma análise dos escritos de Williams com intuito de relacionar suas interpretações com o pensamento marxista.

Outro autor que será analisado neste trabalho será Fernand Braudel, que possui outra interpretação sobre a origem do capitalismo, que é focada nas trocas comerciais do mar Mediterrâneo durante o final da Idade Média e início da Idade Moderna. Segundo o historiador Jaeder Fernandes Cunha (2011) em sua tese de doutorado em história econômica intitulada “Economia mundo e a escrita estrutural da história: um estudo de Fernand Braudel”, para Braudel o capitalismo e a modernidade não se originaram na produção manufatureira Inglesa do século XVIII, pois ele é anterior a isso²³. Braudel é contrário às interpretações que encontram uma explicação individual do surgimento do capitalismo, pois em sua visão ele é sistêmico e possui diversos fatores oriundos da política, economia, sociedade e cultura. É na obra “Civilização Material, Economia e Capitalismo” onde ele se propõe a explicar sua visão sobre a origem desse sistema econômico e que foi parte das nossas fontes para essa pesquisa. Ao longo de sua obra Braudel se utiliza de diversos conceitos e ideias de autores de outras áreas do conhecimento, como Geografia e Economia para

21 DURANTE, Marcelo dos Santos. **As Relações entre a Escravidão e o Capitalismo**: leitura da trajetória intelectual de Eric Williams de 1932 a 1944. 2021, p. 44.

22 *Ibidem*, p. 28.

23 CUNHA, Jaeder Fernandes. **Economia mundo e a escrita estrutural da história** Um estudo de Fernand Braudel. 2011. 378f. Tese (Doutorado em História Econômica) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, São Paulo, 2011. p. 173

desenvolver sua teoria do capitalismo²⁴. Utiliza ainda conceitos como longa-duração e economia-mundo, que são vitais para a compreensão da sua teoria sobre o surgimento do capitalismo. Braudel vê o fluxo e refluxo de capital num sistema financeirizado, ou as rotas e as viagens de longa distâncias num sistema mercantil são fenômenos semelhantes pois seu funcionamento harmônico se dá a partir da formação de monopólios, que para ele é a base fundamental para o capitalismo surgir e se sentir à vontade²⁵. Deste modo, é nítida a visão de Braudel que o capitalismo é um sistema que surge ainda antes da revolução industrial, no final da Idade Média e muito ligado ao fluxo constante de mercadorias no comércio entre a Europa e as outras regiões do mundo. O historiador francês demonstra que esse comércio gerou diversos ciclos econômicos durante a história, como por exemplo o Ciclo Genovês e que foi trocado pelo Ciclo de Amsterdam. Porém, para nossa pesquisa, é necessário encontrarmos as relações entre Marx e o pensamento braudeliano. Segundo Cunha²⁶

“Não se esquecendo de Marx, Braudel considerava que “em todos os países” “o seu pensamento” havia penetrado “em profundidade”. Considerava ser impossível não ser impactado pelo pensamento marxista.”

Portanto, serão procurados pensamentos e influências do pensamento do filósofo alemão na formulação braudeliana sobre o capitalismo. O historiador francês se propôs a analisar o Mediterrâneo sob a perspectiva da longa duração. Deste modo, a partir de suas pesquisas o autor expõe que houve trocas de ciclos econômicos durante a história, como por exemplo a troca do ciclo genovês pelo ciclo de Amsterdam. Segundo o pesquisador John Day em seu artigo “Fernand Braudel and the Rise of Capitalism” para Braudel as ferramentas da economia como por exemplo as leis econômicas, não são suficientes para demonstrar as origens do capitalismo²⁷. Então, Braudel vê o mundo econômico dividido por círculos concêntricos tripartites e em constante estado de fluxo. Além disso, Day afirma que Braudel vai contra o consenso de que o capitalismo surge do aumento da produtividade agrícola, pois em sua visão o progresso da agricultura dependeu do capitalismo. Ele também se coloca contra o pensamento de Max Weber, pois para Weber o capitalismo tinha origens no norte calvinista, e Braudel, em contraposição, acreditava que o capitalismo era do sul católico e mediterrâneo. Braudel em sua obra “Civilização material, economia e capitalismo: séculos XVI-XVIII: o jogo das trocas” (2009) afirma que o capitalismo é fruto dos mercadores urbanos, artesãos e das corporações, isto é, tem origem nas cidades italianas dos séculos XIII e XIV.

24 *Ibidem*, p. 163.

25 *Ibidem*, p. 166.

26 *Ibidem*.

27 DAY, J. **Fernand Braudel and the Rise of Capitalism**. Social Research, vol. 47, no. 3, 1980, pp. 507–18.

O próximo autor a ser trabalhado neste texto será o sociólogo estadunidense Immanuel Wallerstein. Segundo Ricardo Lima Caixeta em sua tese de mestrado em Direito intitulada “O Estado no sistema-mundo moderno: um estudo sobre as permanências baseado na obra de Immanuel Wallerstein” para Wallerstein o sistema-mundo moderno ou economia-mundo capitalista nasce com a crise do sistema feudal a partir de 1250 e que se prolongou por mais dois séculos²⁸. Esse período foi caracterizado por uma grave depressão econômica que foi capaz de desarticular o sistema feudal. Wallerstein demonstra três explicações para a crise do feudalismo: a primeira é a culminância de um ciclo econômico expansivo, considerando as limitações tecnológicas, levando a um período de depressão; a segunda foi a saturação de uma tendência secular concernente à extração e concentração de excedente por meio do trabalho servil, cujo fardo passou por um lento e gradual aumento por todo o período o feudalismo graças à produtividade relativamente constante e terceiro a concomitância de fatores climáticos desfavoráveis²⁹. Somado a esses fatores, a preexistência de vínculos comerciais com os mercadores genoveses geraram créditos que fluíram largamente para a Espanha, com a qual a classe capitalista de Gênova formou uma frutífera aliança na exploração dos domínios coloniais americanos a partir do final do século XV³⁰.

Isso ocasionou na interligação mundial do mercado, que com seus fluxos comerciais constantes, gerou e sustentou uma divisão única do trabalho. Esse espaço geográfico onde se davam tais trocas comerciais e no qual se organizou a divisão do trabalho constituiu a economia-mundo capitalista europeia, ocasionou no surgimento do lucro - dividido de modo desigual - como uma nova forma de apropriação de excedentes³¹. Desta forma, com o mercado mundializado, ocorreu a integração do espaço europeu e do espaço colonial americano. Para Caixeta, o mercado mundial foi ganhando importância a ponto de que nele circulavam produtos essenciais à reprodução da vida econômica da Europa e da América, e essas trocas não poderiam ser interrompidas pelo risco da desagregação da vida social nesses espaços³². Portanto, ocorreu uma interligação por intermédio do mercado mundial. Deste modo, é possível inferir que Wallerstein não compartilha da opinião de que o capitalismo surge com as transformações operadas pelo modo fabril de produção. Para ele, é ilusório pensar no progresso das técnicas de produção sem a formação anterior de um mercado mundial, de uma infraestrutura de trocas monetárias, de técnicas de manejo do comércio e das finanças, da uniformização de preços e de um sistema de Estados soberanos³³. Logo, fica evidente

28 CAIXETA, Ricardo Lima. **O Estado no sistema-mundo moderno**: um estudo sobre permanências baseado na obra de Immanuel Wallerstein. 2018. 264p. Dissertação (Mestrado em Direito Público) Faculdade de Direito de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, 2018. p. 61.

29 *Ibidem*, p. 65.

30 *Ibidem*, p. 69.

31 *Ibidem*, p. 71.

32 *Ibidem*.

33 *Ibidem*, p. 73.

que no pensamento de Wallerstein as mudanças nas técnicas de produção durante o período da Revolução Industrial só foram possíveis pelo conjunto dos fatores supracitados. Ainda, Caixeta (2018) revela o conceito de “capitalismo histórico” na obra de Wallerstein, que na visão do sociólogo seria a intenção primordial do capital, a auto expansão.

Por fim, a última autora que essa pesquisa trabalhará será a historiadora e cientista política estadunidense Ellen Meiksins Wood. Para ela, em sua obra “A Origem do Capitalismo” o capitalismo é resultado de um processo muito específico do contexto de acumulação primitiva de capital nos campos ingleses³⁴. Para Wood, os autores marxistas que se aproximam do modelo mercantil para explicar a ascensão do capitalismo estão muito inclinados e próximos dos autores liberais. Isso se dá porque, o modelo mercantil parte do pressuposto de que o capitalismo foi libertado de antiquíssimas restrições, isto é, de que ele é praticamente natural e que necessita apenas ser libertado das suas restrições para poder existir. Todavia, na visão woodiana, esse modelo não demonstra nenhum reconhecimento de imperativos específicos do capitalismo e dos modos específicos de funcionamento do mercado no capitalismo. Além do mais, ela propõe críticas à teoria da longa duração de Braudel e de autores que se utilizam dessa teoria e da teoria dos centros de gravidade e ciclos econômicos que se deslocam de certos pontos da Europa. Para ela, essa teoria de transição para o capitalismo também é uma resposta às leis transitórias do mercado e nada tem a ver com a História. Wood afirma que o capitalismo não nasceu na cidade, mas nasceu no campo e em condições muito específicas de formação. Ele surge a partir da transformação completa das relações e práticas humanas mais fundamentais e com o rompimento de antigas formas de interação humana com a natureza. O capitalismo surge após a centralização política e a concentração de terras na Inglaterra levou à criação de um mercado de arrendatários o que ocasionou no aumento da competição no campo. Para Wood, então³⁵:

“Em outras palavras, não foram as oportunidades proporcionadas pelo mercado, mas os imperativos deste que levaram os pequenos produtores mercantis à acumulação.”

Com isso, os grandes agentes econômicos do setor agrário – tanto produtores quanto os apropriadores – ficaram mais dependentes do que correspondia a práticas capitalistas como: maximização do valor de troca por meio da redução de custos e do aumento da produtividade, através da especialização, da acumulação e da inovação. Desta forma, esse desenvolvimento do setor agrícola em formato capitalista possibilitou a industrialização da Inglaterra. Pois apenas com

34 WOOD, E. M. *A Origem do Capitalismo*. Jorge Zahar: 2001.

35 *Ibidem*, p. 85.

um setor agrícola produtivo era possível sustentar uma massa de mão de obra não-agrícola nas cidades. Assim, a conclusão da autora é de que a industrialização foi resultado e não a causa da sociedade de mercado e as leis de movimento capitalistas foram a causa e não o resultado da proletarização das massas.

Noções e referenciais teórico-metodológicos

Tendo em vista que o objetivo deste trabalho é relacionar o pensamento marxista na elaboração com as ideias dos autores supracitados sobre a origem do capitalismo, o principal referencial teórico-metodológico utilizado como suporte será o materialismo histórico. Além disso, é reconhecido que apesar dos autores não se identificarem ou serem identificados como marxistas, eles receberam influências de Marx na elaboração de suas teorias ou tiveram que levar em conta o pensamento marxiano suas análises. Portanto, serão utilizados os conceitos de luta de classes, modo de produção, meios de produção, forças produtivas e acumulação de capital como método para guiar nossa pesquisa nas obras dos autores.

É importante destacar que neste trabalho não serão utilizados apenas os escritos de Marx como aporte metodológico, mas os escritos da obra de Friedrich Engels e o “Dicionário do Pensamento Marxista” editado pelo sociólogo inglês Tom Bottomore. Outro texto utilizado foi o de Florestan Fernandes intitulado “Marx e Engels: História”.

A partir dessa pesquisa, tentaremos responder algumas questões: (1) os autores estão muito distantes do pensamento de Marx; (2) existe uma única possibilidade para definir a origem do capitalismo; (3) estas interpretações podem se complementar e (4) apesar de nenhum dos autores ser considerado marxista existe uma possibilidade mais próxima de Marx. Respondidas essas perguntas, saberemos se o pensamento marxiano e marxista influenciou essas diferentes interpretações.

Fontes

Considerando os aspectos apontados acima, o objetivo dessa pesquisa será de observar as principais relações do pensamento marxista ou suas inflexões mais agudas nas interpretações dos autores Eric Williams, Fernand Braudel, Ellen Wood e Immanuel Wallerstein nas respectivas formulações dos autores sobre a origem do capitalismo. Além disso, como objetivos secundários essa pesquisa pretende fazer uma revisão sistemática das interpretações dos autores sobre as origens do capitalismo e compreender o contexto da escrita dos autores e suas relações com o marxismo sobre o fenômeno da origem desse sistema. Para isso, serão utilizadas como fontes as seguintes

obras: “Capitalismo e Escravidão” de Eric Williams; “Civilização material, economia e capitalismo” e “A dinâmica do Capitalismo” de Fernand Braudel, “O sistema mundial moderno” e “Capitalismo histórico & civilização capitalista” de Immanuel Wallerstein e “A Origem do Capitalismo” de Ellen Wood.

Capítulo 1 - Conceitos marxistas

Karl Marx foi um dos principais teóricos do século XIX que escreveu sobre o funcionamento do sistema capitalista e muitas de suas teorias sobre o capital se mantêm legítimas até os dias de hoje. O filósofo e sociólogo alemão dedicou boa parte de sua vida à escrita de sua obra de maior importância, “O Capital”³⁶. Neste livro o autor revela o funcionamento do sistema capitalista, o segredo da criação do valor e também demonstra os motivos das crises sistêmicas e recorrentes do capital através de uma profunda análise, utilizando elementos da História e da Economia Política. Posteriormente, acadêmicos de diversas áreas das ciências humanas foram influenciados por ele e utilizaram conceitos marxianos para elaboração de suas próprias teses e interpretações acerca do tema do sistema capitalista. Assim, fica evidente que o pensamento de Marx e de seus seguidores se tornou uma corrente de pensamento bastante relevante no âmbito acadêmico. Deste modo, para a realização do objetivo deste trabalho, que será a observação da influência do pensamento marxiano e marxista nas formulações sobre as origens do capitalismo nas obras de Williams, Braudel, Wallerstein e Wood, serão utilizados alguns conceitos dessa corrente teórica para guiar a presente pesquisa.

O campo marxista possui uma ampla gama de conceitos que foram debatidos e sofreram aportes de novas gerações de marxistas, portanto, cabe situarmos esses conceitos antes de aplicarmos em nossa análise. Os conceitos que foram trabalhados na presente pesquisa são provenientes de obras de autores marxistas e de estudiosos do marxismo e também dos próprios escritos de Marx e Engels traduzidos para o português. Sendo assim, os conceitos que nos ajudaram a guiar esta pesquisa estão ligados ao materialismo histórico, sendo estes os de “capital”, “luta de classes”, “meio de produção”, “forças produtivas”, “modo de produção” e “acumulação”. Além disso, também analisamos os fatores internos e externos sobre o surgimento do capitalismo, que foram trabalhados no debate dos anos 1950 sobre a transição do feudalismo para o capitalismo. Por fim, fatores geográficos e temporais também serão observados. Com a revisão dessas noções serão expostas as análises dos quatro autores do século XX acima citados.

36 MARX, Karl. **O Capital**. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1996.

1.1 Definições

A fim de realizar o objetivo principal dessa pesquisa, fica evidente a necessidade de definirmos os conceitos que orientaram na construção de um método para guiar a análise que é central neste trabalho. O primeiro conceito será o de materialismo histórico. Entretanto, é necessário pontuar que este conceito possui um vasto debate no campo marxista e também não é consenso entre os estudiosos da área. O materialismo é mais que apenas uma noção, mas o nome geral da teoria marxista. Para este trabalho, podemos conceituar o materialismo histórico como o método e o fio condutor em que Marx e Engels formularam seus estudos no século XIX. Esse método é baseado na ideia de que na produção social da vida, as pessoas contraem determinadas relações de produção que correspondem a uma determinada etapa do desenvolvimento de suas forças produtivas³⁷. Essas relações de produção formam a estrutura econômica da vida, uma base na qual se levanta uma superestrutura jurídica e política³⁸. Assim, o modo de produção da vida condiciona o processo em geral da vida social, política e espiritual. Porém, em uma certa etapa do desenvolvimento, as forças produtivas materiais da sociedade entram em contradição com as relações de produção existentes, sobrevivendo uma época de revolução social³⁹. Como exposto por Florestan Fernandes (1989), o método materialista histórico tem como fator decisivo a produção e a reprodução material da vida, isto é, o movimento econômico, mas existe uma relação complexa - recíproca e reversível - com os elementos políticos, jurídicos, religiosos, literários e artísticos que interferem na economia⁴⁰. Isto é, para esse método analítico da realidade existe uma relação entre diversos elementos da vida com o seu determinante último, aquele que reproduz a vida material, o movimento econômico, mas esta relação não pode ser tomada como mecânica. O movimento histórico, a partir dessa concepção, é posto em um complexo contexto de tempo e de espaço, como expressão de inumeráveis forças entrecruzadas⁴¹.

O segundo conceito é o de modo produção, que aqui é considerado como um sistema social de produção e reprodução da vida que tem lugar dentro de um certo conjunto de relações de propriedade⁴². O terceiro conceito que será abordado neste trabalho é o de capital, que pode ser definido como a forma social específica da riqueza, que tem uma lógica própria de movimento, que é baseada na busca contínua da sua valorização. O quarto conceito é o de luta de classes, que definimos como os conflitos entre as diferentes classes de uma sociedade, isto é, a contradição das forças produtivas com as relações de produção existentes. O quinto é o de meio de produção, que

37 MARX, K. **Para a Crítica da Economia Política**. In: Os Pensadores Marx São Paulo: Nova Cultural. 1996 p. 52

38 Ibidem.

39 Ibidem.

40 FERNANDES, Florestan. **Marx e Engels: História**. São Paulo: Editora Ática, 1989, 3 ed. p. 132

41 Ibidem.

42 BOTTMORE, Tom. **Dicionário do Pensamento Marxista**. Materialismo histórico. Editora Zahar, 1988 p. 413.

aqui definimos como os instrumentos de trabalho e as matérias primas da natureza que quando modificados pelo trabalho humano produzem mercadorias⁴³. O sexto é o de forças produtivas, que aqui pode ser no caso do capitalismo, definido como a maquinaria e o processo de trabalho⁴⁴. Por fim o sétimo conceito é o de acumulação, que dentro da lógica do sistema capitalista é a transformação da mais-valia em capital, isto é, a reprodução material, econômica e social ampliada do capital⁴⁵.

Também foram utilizados os enquadramentos metodológicos de “fatores externos” e “fatores internos”, que estão relacionados ao debate de transição do feudalismo ao capitalismo na década de 1950. Antes de passar uma definição destes, é importante pontuar que estes conceitos foram criados por autores marxistas posteriores à Marx, então não condizem com os escritos originais do mesmo. Porém, fazem parte de uma ampla literatura e de estudos acerca do surgimento do capitalismo o que os torna úteis para essa pesquisa.

Como “fatores externos” podemos afirmar que faz parte da interpretação do economista Paul Sweezy, e que, como definido por Hilton, representa a força externa exercida pelo capital mercantil, que foi injetada no sistema feudal por mercadores⁴⁶. Para Sweezy, o sistema de produção para trocas exerceu forças sobre o antigo sistema feudal de produção para uso. Essa concepção fica mais evidente na seguinte passagem⁴⁷:

“Certamente a ascensão da economia de troca teve outros efeitos sobre a velha ordem, [...]. A maior eficiência de uma produção mais altamente especializada, os lucros maiores derivados da produção para o mercado ao invés de para o uso imediato, a maior atração da vida urbana para o trabalhador, esses fatores fizeram com que fosse apenas uma questão de tempo a vitória do novo sistema, assim que ele se tornou bastante forte para se manter sozinho.”

Portanto, fica evidente que na visão desse autor a economia de trocas abalou a velha ordem porque produzia de maneira mais eficiente e especializada, o que ocasionou na maior atração dos trabalhadores pela vida urbana e na ruína do antigo sistema feudal. Logo, as forças externas são as forças originárias das grandes cidades mercantis que impunha ao sistema feudal e foram capazes de

43 MARX, Karl. **O Capital**. Capítulo XXIV: A Assim Chamada Acumulação Primitiva. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1996, p. 286.

44 BOTTOMORE, Tom. **Dicionário do Pensamento Marxista**. Materialismo histórico. Editora Zahar, 1988, p. 255.

45 Conceito retirado do curso de Economia Política I em 2021/1.

46 HILTON, Rodney (org.). **A transição do feudalismo para o capitalismo**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2004. p. 31

47 SWEEZY, P. In: HILTON, Rodney (org.). **A transição do feudalismo para o capitalismo**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2004. p. 53.

o levar à decadência. Essa concepção já foi muito debatida pela historiografia⁴⁸, não cabendo a esse trabalho ampliar essa discussão, apenas utilizar esse conceito para a realização da análise.

Já os fatores internos fazem parte da linha interpretativa do economista Maurice Dobb. Para ele, esse conceito representa que a dissolução do feudalismo se deu pelas revoltas internas dos pequenos e médios produtores dentro dessas condições de produção. Ele ainda afirma que⁴⁹

“Ninguém está sugerindo que a luta de classes dos camponeses contra os senhores deu origem, de maneira simples e direta, ao capitalismo. O que ela fez foi modificar a dependência do pequeno modo de produção em relação à suserania feudal e, com o tempo, libertar o pequeno produtor da exploração feudal. Foi, portanto, do pequeno modo de produção (na medida em que ele assegura independência de ação, e em que a diferenciação social, por sua vez, se desenvolve no seu interior) que o capitalismo nasceu. Este é um ponto fundamental, ao qual voltaremos.” (DOBB, 2004, p. 74)

Logo, para esse autor, o fim do sistema feudal se deu após a luta entre camponeses e produtores que alterou a dependência do pequeno produtor em relação aos seus senhores e com o tempo, ele foi se libertando da exploração. Portanto, foi do pequeno produtor do campo que surgiu o capitalismo, isto é, um fator interno do sistema feudal. Assim como a interpretação de Sweezy, essa também possui um amplo debate dentro da academia, e seus desdobramentos não serão abordados neste trabalho.

1.2 Marx e a origem do capitalismo: A Assim Chamada Acumulação Primitiva

Dando seguimento à revisão do marxismo, será utilizado neste trabalho como suporte teórico e metodológico as concepções formuladas por Karl Marx em seu capítulo XXIV intitulado “A Assim Chamada Acumulação Primitiva” da sua obra “O Capital” (1996). Neste capítulo, o autor demonstra que o processo de acumulação primitiva é o que precede o modo de produção capitalista, isto é, é seu ponto de partida. Deste modo, podemos considerar que este capítulo da obra de Marx seria sua interpretação sobre a origem do modo de produção capitalista, e por isso será utilizado como parte da metodologia desta pesquisa. Primeiramente Marx expõe que, para que haja o processo de acumulação no capitalismo, é necessário que exista duas espécies diferentes de possuidores de mercadorias: (1) os possuidores de dinheiro e meios de produção que pretendem valorizar a soma-valor que possuem com a força de trabalho alheia e (2) os vendedores da força de

⁴⁸ Para mais informações sobre o debate ver em: HILTON, Rodney (org.). **A transição do feudalismo para o capitalismo**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2004. Ou MARIUTTI, Eduardo Barros. **A transição do feudalismo ao capitalismo: um balanço do debate**. 2000. 200f. Dissertação (Mestrado em História Econômica) – Instituto de Economia da UNICAMP, Campinas, 2000.

⁴⁹ DOBB, M. In: HILTON, Rodney (org.). **A transição do feudalismo para o capitalismo**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2004. p. 74.

trabalho⁵⁰. Em linhas gerais, a acumulação primitiva, definição central para o surgimento do capitalismo na visão marxista, é o processo histórico que separou os produtores diretos dos meios de produção. Retirou as condições de trabalho dos produtores, de um lado transformando os meios sociais de subsistência e de produção em capital e, por outro lado, transformando os produtores diretos em trabalhadores assalariados⁵¹. Em linhas gerais, a acumulação primitiva é o processo histórico que separou os produtores diretos dos meios de produção. Esse processo, na visão marxiana, foi a passagem do sistema de produção feudal para o sistema de produção capitalista, tendo a decomposição do primeiro liberado os elementos do segundo⁵². Assim, o ponto de partida foi o fim da servidão, que produziu tanto o trabalhador assalariado quanto o capitalista.

O autor pretende demonstrar essa interpretação a partir da análise do processo inglês, que é considerado por ele o caso clássico de surgimento da acumulação primitiva. No século XV, para Marx, a grande maioria da população consistia de camponeses livres e economicamente autônomos⁵³. Havia também os trabalhadores assalariados da agricultura que eram em parte camponeses que utilizavam seu tempo de lazer trabalhando para grandes proprietários, sendo uma classe autônoma e pouco numerosa. Eram ao mesmo tempo, economicamente autônomos, pois recebiam além de seu salário, um terreno arável de 4 ou mais acres além do *cottage*. Também gozavam de terras comunais juntamente com os camponeses propriamente ditos, onde conseguiam pasto para o gado e combustíveis⁵⁴. Além disso, havia a classe de arrendatários que viviam nas terras de grandes senhores. Porém, Marx afirma que o início da base do modo de produção capitalista ocorreu nas últimas décadas do século XV e nas primeiras décadas do século XVI. Esse processo se iniciou quando o grande senhor feudal expulsou violentamente o campesinato da base fundiária, em que ambos possuíam o mesmo título jurídico feudal.⁵⁵ O impulso para esse processo foi o florescimento da manufatura flamenga e o aumento do preço da lã, que levou os senhores a produzirem campos para pastos. Além disso, os grandes senhores também usurparam as terras comunais, transformando os camponeses em “proletários livres”. O processo de expropriação teve um impulso no século XVI pela Reforma, e em consequência dela o roubo dos bens da Igreja, que era proprietária feudal de grande parte da base fundiária inglesa, e a supressão de seus bens também transformou os camponeses destas terras em proletários⁵⁶. Posteriormente, no século XVII, uma das classe dos camponeses, a yeomanry, era mais numerosa que a classe dos arrendatários, porém, ao

50 MARX, Karl. **O Capital**. Capítulo XXIV: A Assim Chamada Acumulação Primitiva. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1996, p. 340.

51 *Ibidem*.

52 *Ibidem*.

53 *Ibidem*, p. 342.

54 *Ibidem*.

55 *Ibidem*, p. 343.

56 *Ibidem*, p. 346.

redor de 1750, ela já havia desaparecido completamente em consequência da expropriação de terras⁵⁷. Com a Revolução Gloriosa, os extratores de mais-valia fundiária chegaram ao poder e inauguraram uma nova era, praticando roubo dos domínios do Estado em uma escala colossal⁵⁸. Observa-se então que os processos de cercamento de terras comunais, expulsão de camponeses das terras dos senhores e a compra de terras da Igreja foram os métodos da acumulação primitiva onde foi incorporada a base fundiária ao capital e criada uma oferta de proletários para a indústria.

Marx ainda discorre sobre a gênese dos arrendatários nesse processo. Ele vê a ascensão dos arrendatários como um movimento lento e que se arrasta por muitos séculos, mas expõe que, é com a revolução agrícola do final do século XV e início do XVI que o arrendatário rapidamente enriquece⁵⁹. No processo de acumulação primitiva, o arrendatário aparece como um administrador dos meios de produção que valoriza seu próprio capital pelo emprego de trabalhadores assalariados - que eram os antigos camponeses que tiveram as terras onde viviam e produziam expropriadas - e paga uma parte do mais-produto em dinheiro ou in natura ao senhor daquela terra, como a sua renda. Também, com a queda no valor dos metais nobres e o constante aumento de preços de produtos agrícolas ocorreu um inchaço do capital monetário do arrendatário. E ainda, a renda da terra que ele precisava pagar foi contraída em valores monetários ultrapassados, o que o fez enriquecer ainda mais⁶⁰. Outro ponto importante foi o aumento da produtividade ocasionado por métodos de cultura mais avançados, maior cooperação e concentração dos meios de produção e também porque o seu campo onde trabalhavam para si mesmos foi sendo contraído⁶¹. Assim, o camponês precisava adquirir o valor dos seus alimentos, que agora faziam parte do capital variável do arrendatário. Portanto, fica evidente a ascensão dos arrendatários nesse processo. Ellen Wood discorda de Marx nesse momento, pois para ela os arrendatários foram muito pressionados pelos donos das terras, enquanto na concepção marxiana eles enriqueceram sem tanta pressão.

A destruição do ofício doméstico rural como consequência desse processo também é apontada por Marx. Antes a família camponesa produzia e processava as matérias primas que ela mesma consumia, como por exemplo fios, tecidos e grosseiros de lãs com seus próprios teares e em suas terras⁶². Os camponeses produziam seus meios de subsistência no trabalho doméstico. Por conta dos cercamentos e do assalariamento, essas matérias-primas e esses meios de subsistência tornam-se também mercadorias que o grande arrendatário vende para as manufaturas⁶³. Desta

57 *Ibidem*, p. 347

58 *Ibidem*, p. 348.

59 *Ibidem*, p. 363.

60 *Ibidem*, p. 364.

61 *Ibidem*, p. 365.

62 *Ibidem*, p. 367.

63 *Ibidem*.

forma, se iniciou gradativamente um processo de extração de excedente do trabalho dos camponeses. Assim, o processo de expropriação dos camponeses e sua separação dos seus meios de produção se deram no mesmo ritmo que a destruição do ofício doméstico rural. Isso gerou a coesão que o sistema capitalista necessitava para separar a manufatura da agricultura⁶⁴. Portanto, se vê a destruição do ofício doméstico rural a partir dessa separação.

Marx ainda aborda sobre o processo de acumulação primitiva causadas pela descoberta de ouro e de prata na América e também pela escravização de populações indígenas. Coloca também a escravização de pessoas negras na África como a aurora da era de produção capitalista, um processo de acumulação primitiva semelhante. Ele expõe que esses processos se utilizam do poder do Estado e da violência da sociedade para ativar artificialmente o processo de transformação do modo feudal de produção em capitalista e para abreviar a transição⁶⁵. Através do sistema colonial, se intensificou o comércio e a navegação, a expansão de manufaturas, o escoamento da produção para as colônias e a acumulação potenciada por meio do monopólio de mercado. Com a utilização de trabalho humano escravizado, o ouro das minas e as matérias primas das fazendas refluíram para a Europa onde se transformaram em capital⁶⁶. Deste modo, essas concepções abrem precedentes para essa pesquisa, que é a de relacionar as ideias de Eric Williams ao pensamento marxiano.

Vale ainda ressaltar uma questão abordada por Marx, em uma nota de rodapé, que explica sua interpretação sobre o caso de algumas cidades mediterrâneas nos séculos XIV e XV⁶⁷. Afirma que no norte da Itália a produção capitalista se desenvolveu mais cedo, assim como a dissolução das relações servis. Os servos foram emancipados antes de terem assegurado qualquer direito sobre a base fundiária. Por causa da emancipação foram transformados em proletários livres e levados para às cidades, onde encontraram novos senhores. Porém, com a revolução do mercado mundial do final do século XV, ocorreu uma grave crise comercial no norte da Itália, que ocasionou em um movimento em sentido contrário. Os trabalhadores das cidades foram expulsos em massa para o campo como consequência da crise, e lá desenvolveram a pequena agricultura⁶⁸. Portanto, ocorreu um processo de acumulação primitiva na Itália do século XIV, mas foi interrompido no século seguinte e regredido pela crise, que ocasionou no retorno da população ao campo e um retrocesso na separação do trabalhador do seu meio de produção. Logo, o capitalismo na visão de Marx, só se consumou de fato na Inglaterra nos séculos posteriores. Assim sendo, este trabalho também fará uma análise dessa questão em comparação com a visão de Braudel que aponta a gênese do

64 *Ibidem*.

65 *Ibidem*, p. 370.

66 *Ibidem*, p. 372.

67 *Ibidem*, p. 342, nota de rodapé 675.

68 *Ibidem*.

capitalismo ainda nas cidades italianas, antes mesmo do processo inglês. Wallerstein, por sua vez, comenta sobre o surgimento do capitalismo com o início da economia-mundo europeia, o que se diferencia muito da tese marxista. Porém, ainda assim vê a Inglaterra como o centro dessa economia-mundo.

Fica evidente que muitas ideias do pensamento marxiano e marxista influenciaram na concepção de diversos autores ao longo dos últimos cem anos. Deste modo, cabe a esse trabalho realizar uma pesquisa mais aprofundada nos pensamentos de Braudel, Williams, Wallerstein e Wood sobre suas concepções do surgimento do capitalismo e como as ideias de Marx influenciaram esses autores na elaboração de suas interpretações sobre a origem desse sistema econômico.

Capítulo 2 - A origem do capitalismo para Braudel e para Williams

2.1 O capitalismo em um degrau superior da vida material

Fernand Braudel (1902-1985) é considerado um dos mais importantes historiadores do século XX, foi membro da segunda geração dos *Annales* e teve grande interesse em juntar em suas obras a História, a Geografia e a Economia. Por causa do diálogo interdisciplinar promovido pela Escola dos *Annales*, a História Econômica exerceu um papel fundamental na obra de Braudel. Segundo Jaeder Fernandes Cunha, a obra braudeliana se divide em três fases, suas três grandes publicações: 1) O Mediterrâneo e o mundo mediterrânico na época de Filipe II, 2) Civilização Material, economia e capitalismo, sécs. XV-XVIII e 3) Identidade da França⁶⁹. Nesta parte do trabalho, serão abordados alguns conceitos e análises históricas que Braudel realiza na segunda fase de sua obra para interpretar a origem do capitalismo. Primeiramente, abordaremos o conceito de “economia-mundo” com o suporte da tese de Cunha. Em seguida, com o auxílio de Peter Burke⁷⁰, será analisado o conceito de “longa duração”. Em terceiro momento, será exposto o conceito de “capitalismo” sob o viés braudeliano. A última exposição será a exposição de como Braudel interpreta o processo histórico sobre o surgimento do capitalismo na Europa, que se deu nas cidades mediterrâneas do século XV. Feitas estas apresentações, analisaremos se existe ou não a influência de Marx no surgimento do capitalismo sob a ótica braudeliana.

A fim de explicar como Fernand Braudel considera onde se deu a origem do capitalismo, é necessária a definição de um conceito que está presente na obra de Braudel, a “economia-mundo”⁷¹.

⁶⁹ CUNHA, J. F. **Economia mundo e a escrita estrutural da história** Um estudo de Fernand Braudel. 2011. 378f. Tese (Doutorado em História Econômica) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, São Paulo, 2011. p. 123.

⁷⁰ BURKE, P. **A Revolução Francesa da Historiografia: a Escola dos Annales 1929-1989**. 2 ed. São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista, 1992.

⁷¹ Aqui, sabemos que o seu esquema tripartido está baseado em “civilização material”, “economia de mercado” e “economia mundo”, mas agora vamos apenas nos basear em um item do esquema.

Para Fernand Braudel, Economia-mundo representa uma soma de espaços individualizados, econômicos e não econômicos, agrupados por ela⁷². Para o autor, o Mediterrâneo do século XVI compõe uma economia-mundo, e que transcende os limites marcados entre as civilizações, pois existe a civilização grega que naquele período estava em recuo, a muçulmana que estava em ascensão e a cristã ligada à Florença e à Roma⁷³. Assim, uma característica fundamental dessa economia-mundo é de transpor as fronteiras políticas e culturais que fragmentaram e diferenciaram o espaço mediterrânico. Outro ponto fundamental sobre a economia-mundo é que sempre possui um polo-urbano, uma cidade no centro da logística dos seus negócios, ditada por grandes comerciantes, em que todas as informações, mercadorias, capitais, pessoas e créditos chegam e voltam dela⁷⁴. Cidade essa com precoce e forte diversificação social, pois abrigam proletários, burgueses e patrícios⁷⁵. Para Jaeder Fernandes Cunha⁷⁶, economia-mundo:

“[...] significa sistemas econômicos regionais com dinâmica própria e, que podem gravitar em torno de outra economia mundo central, ou mesmo tornar-se única e mundial; centro e periferia se conectam e se relacionam, assim se dá o movimento e a circulação de uma forma mais sofisticada, o capitalismo, já que “é na circulação, por excelência, que o capitalismo está à vontade” (p. 262)

Podemos conceber esse conceito como sistemas econômicos regionais, com dinâmicas próprias, com um centro urbano dominante que se conecta e se relaciona com uma periferia, transpondo barreiras políticas e culturais e baseadas em trocas e circulações de longas distâncias de mercadorias, capitais e pessoas.

É fundamental para compreendermos o capitalismo para Braudel, a elucidação do tempo segundo sua perspectiva. Peter Burke, expõe que para Braudel o tempo está dividido em três: tempo individual; tempo social e o tempo geográfico⁷⁷. O primeiro, corresponde aos acontecimentos recentes e de curta duração⁷⁸. O segundo, corresponde a história dos sistemas econômicos, estados, sociedades e civilizações e possui um ritmo mais lento que a dos eventos, podendo ocorrer em gerações ou mesmo em séculos⁷⁹. O terceiro corresponde a uma história quase imóvel e de

72 BRAUDEL, F. **Civilização material, economia e capitalismo: séculos XV-XVIII**, O tempo do mundo. 2 ed. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda, 2009. p. 14.

73 *Ibidem*.

74 BRAUDEL, F. **Civilização material, economia e capitalismo: séculos XV-XVIII, O tempo do mundo**. 2 ed. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda, 2009. p. 20

75 *Ibidem*. p. 21

76 CUNHA, J. F. **Economia mundo e a escrita estrutural da história** Um estudo de Fernand Braudel. 2011. 378f. Tese (Doutorado em História Econômica) –USP, São Paulo, 2011, p. 262.

77 BURKE, P. **A Revolução Francesa da Historiografia: a Escola dos Annales 1929-1989**. 2 ed. São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista, 1992, p. 38.

78 *Ibidem*, p. 33.

79 *Ibidem*.

transformação lenta feita de retornos insistentes e de ciclos sem fim recomeçados, muito ligada com o meio onde as pessoas se desenvolvem, naquilo que ficou conhecido como geo-história⁸⁰. Nesse terceiro tempo, a história dos acontecimentos e das tendências precisam ser compreendidas com as características geográficas⁸¹. A partir desse terceiro tempo é possível pensar a longa duração para Braudel, que é também uma forma do autor analisar as estruturas da história, pois é por ela que se observa temas similares que se estendem por vários séculos. Para Burke, Braudel combina em sua obra “O Mediterrâneo” um estudo de longa duração com o de uma complexa interação entre o meio, a economia, a sociedade, a política, a cultura e os acontecimentos⁸². Portanto, o autor utiliza de um método semelhante para estudar o capitalismo em “Civilização Material, Economia e Capitalismo”, o que é chave para o entendimento de sua obra nessa pesquisa.

Portanto, o conceito de capitalismo na obra de Braudel está muito ligado à concepção de “longa duração”. Sendo assim, o autor difere da concepção dos marxistas sobre esse mesmo termo, pois para eles o capitalismo é fruto de um contexto histórico específico. Para definir o termo “capitalismo” segundo os parâmetros braudelianos, é importante observar como o autor francês descreve a história econômica. Na análise de Burke, a história econômica desse pensamento está dividida em três andares: 1) da civilização material; 2) o da economia; 3) o do capitalismo⁸³. No primeiro, estão definidas as ações recorrentes, os processos empíricos e velhos métodos e soluções manipuladas desde tempos imemoriais, como o auto-consumo e a rotina de produção⁸⁴. No segundo, está a vida econômica calculada e mais bem definida, onde se desenrola os processos de trocas de mercadorias por dinheiro e vice-versa, se dá em lugares como os mercados urbanos onde ocorrem comércios de curta distância⁸⁵. No andar superior existe o capitalismo, que é de grande sofisticação, pois é onde se encontram os interesses dos grandes comerciantes especuladores, o que complica o jogo das trocas. Nesse andar, Braudel cita o exemplo de como ocorre a movimentação de uma mercadoria comum como o trigo⁸⁶. Após ser comprado, o grão é estocado em grandes quantidades em um armazém pelo capitalista e só é vendido para outra cidade distantes quando a demanda por ela, ocasionada por fome ou penúria, aumenta, e o seu preço sobe desproporcionalmente, podendo gerar grandes lucros para o especulador⁸⁷. Entretanto, esse tipo de movimento só pode ser feito por comerciantes capitalistas com informações privilegiadas e com recursos suficientes para estocarem

80 *Ibidem*, p. 34.

81 *Ibidem*.

82 *Ibidem*, p. 38.

83 *Ibidem*, p. 40.

84 BRAUDEL, F. **Civilização material, economia e capitalismo: séculos XV-XVIII, o jogo das trocas**. 2 ed. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda, 2009, p. 403.

85 *Ibidem*.

86 *Ibidem*.

87 *Ibidem*.

produtos como esses⁸⁸. Assim, o conceito de capitalismo para Braudel está muito ligado à longa duração e ao papel que os comerciantes capitalistas desenvolveram nas trocas comerciais de longa distância em grandes períodos de tempo e espaço.

Além disso, em outro livro seu, “A Dinâmica do Capitalismo”, para definir o capitalismo, Braudel precisa definir as palavras “capital” e “capitalista” e também diferenciá-lo da “economia de mercado”⁸⁹. O primeiro é um resultado de todo trabalho anteriormente realizado e em permanente ação⁹⁰. O segundo, é a pessoa que preside à inserção de capital no processo de produção⁹¹. Assim, o capitalismo é, de grosso modo, a forma como se conduz a inserção de capital no processo de produção visando a acumulação⁹². Nessa obra, o autor também diferencia o capitalismo da “economia de mercado”. Para ele, a economia de mercado é a troca de mercadorias transparentes, cotidianas, locais com a presença de concorrência e realizada geralmente entre duas pessoas: o produtor e o consumidor⁹³. Porém, quando surge uma terceira pessoa intermediária, o comércio começa a se complexificar, pois ele rompe com as relações diretas entre o produtor e o consumidor⁹⁴. Esse intermediário pode realizar estocagens visando manobrar os preços e perturbar o mercado, retirando sua transparência. Desta forma, o comércio passa a se esticar em extensas cadeias mercantis⁹⁵ que aumentam a distância entre a produção e o consumo, podendo abastecer mercados maiores e mais distantes. Então, quanto mais essas cadeias se alongam⁹⁶, mais o comércio é feito entre distâncias maiores, mais o processo capitalista emerge⁹⁷. Se faz necessária a pontuação de que essa noção de “economia de mercado” é própria de Fernand Braudel, portanto, outros autores podem ler esse conceito de forma distinta.

Vale também destacar o protagonista nesse processo de surgimento do capitalismo, os grandes mercadores. Foram eles que realizaram esse processo, que se apoderaram das chaves do comércio de longa distância e que, desfrutando de informações, da cumplicidade do Estado e da

88 *Ibidem*, p. 405.

89 BRAUDEL, F. **A dinâmica do capitalismo**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1987.

90 *Ibidem*, p. 57.

91 *Ibidem*.

92 *Ibidem*, p. 58.

93 *Ibidem*, p. 60.

94 *Ibidem*, p. 64.

95 Como cadeias mercantis, aqui pode ser definido como processos inter relacionados entre insumos e matérias-primas que culminam na formação de um bem de consumo. Para mais informações ver: MARQUES, L. **Cadeias mercantis e a história ambiental global das américas coloniais**. Esboços, Florianópolis, V. 28, n. 49, p. 668-697, set./dez. 2021.

96 Como apontado por Marques, a análise das cadeias mercantis permite observar a heterogeneidade dos processos de acumulação de capital, que podem usar diferentes formas de trabalho. Além disso, o estudo desse tema permite observar que cada mercadoria consumida na era capitalista é possibilitada por uma ampla articulação de diferentes mundos, além de tornar possível a circulação desses bens. Ver MARQUES, 2021, p. 675.

97 *Ibidem*.

sociedade, mudaram as regras da economia de mercado⁹⁸. Portanto, podemos observar que na visão de Braudel o capitalismo situa-se em um plano superior da vida econômica onde apenas os grandes comerciantes de longas distâncias participam. Essa visão do autor fica nítida quando amparada na realidade, expondo o caso das cidades mediterrâneas, no nosso recorte, a cidade-estado veneziana.

Na obra “Civilização Material, Economia e Capitalismo: Séculos XV-XVIII O tempo do Mundo”, Braudel expõe que durante muito tempo a economia-mundo europeia⁹⁹ foi equivalente ao corpo restrito de uma cidade-estado¹⁰⁰. Essas cidades-estado, tiram proveito dos atrasos e das inferioridades das demais cidades ou estados próximos, o que permitiu o crescimento dessas cidades, reservando às primeiras grandes lucros através do comércio longínquo, permitindo com que elas se tornassem imperiosas¹⁰¹. Veneza, segundo Braudel, conseguiu talhar seu império por causa de seu alinhamento ao longo das rotas do Levante no final do século XIV para o XV¹⁰². Isto é, comercializava com locais distantes, garantindo grandes lucros e o aumento de seu poder na região, tornando-se o centro da economia-mundo da Europa naquele período. Além disso, Veneza impôs políticas sob o comércio, que obrigavam todos os tráfegos de terra firme ou das ilhas passarem pelo porto de Veneza, submetendo todas as outras cidades às suas vontades¹⁰³. Também, garantiu sua hegemonia pois possuía um sistema intitulado de *galere da mercato*. Esse era um sistema de navios mercantes administrado pelo governo veneziano, a *Signoria*, juntamente com organizações e associações privadas, que estava preocupado em reduzir suas despesas de transporte a fim de manter seu negócio imbatível em relação aos estrangeiros¹⁰⁴. Assim, fica evidente que na concepção de Braudel, foram cidades-estado como Veneza que foram os primeiros centros da economia-mundo capitalista europeia.

Vale apontar que Braudel considera que Veneza desenvolveu um certo tipo de capitalismo, mas que ela não foi a primeira a desenvolver práticas capitalistas. Com isso, o autor afirma que discorda de autores como Oliver C. Cox, que consideram que Veneza teve um capitalismo precoce¹⁰⁵. Braudel vê o capitalismo a partir da longa duração, deste modo, práticas capitalistas estavam presentes em um andar superior da vida material muito antes de aparecerem em Veneza. Em cada momento da história, o capitalismo se apresenta como uma soma de meios, de

98 BRAUDEL, F. **Civilização material, economia e capitalismo: séculos XV-XVIII, o jogo das trocas**. 2 ed. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda, 2009, p. 353.

99 O Autor se utiliza do conceito de “economia-mundo” Wallerstein.

100 BRAUDEL, F. **Civilização material, economia e capitalismo: séculos XV-XVIII, O tempo do mundo**. 2 ed. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda, 2009. p. 75.

101 *Ibidem*, p. 77.

102 BRAUDEL, F. **Civilização material, economia e capitalismo: séculos XV-XVIII, O tempo do mundo**. 2 ed. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda, 2009. p. 104.

103 *Ibidem*, p. 109.

104 *Ibidem*, p. 110.

105 *Ibidem*, p. 112.

instrumentos, de práticas, de hábito e de pensamentos que viajam e são trocados entre civilizações¹⁰⁶. Logo, o comércio de longa distância do primeiro capitalismo europeu, nas cidades italianas, não deriva do Império romano, deriva da civilização muçulmana dos séculos XI e XII que produzia bens para a exportação e comércio. Esse comércio se dava através de caravanas de longas distâncias regulares, que implicava um capitalismo ativo e eficaz¹⁰⁷. Portanto, o capitalismo europeu deriva das suas trocas culturais com o Islã, que séculos antes já demonstrava um alto grau de sofisticação. Ainda sobre Veneza, Braudel expõe que também não originou inovações como moedas de ouro, cheques, desenvolvimento da indústria ao máximo à manufatura, a primeira ligação a Flandres por Gibraltar e a procura por um caminho direto para as Índias, pois foram as cidades de Gênova e Florença que desenvolveram essas técnicas anos antes¹⁰⁸. Assim, no plano das técnicas e empresas capitalistas, Veneza estava mais atrasada do que adiantada em comparação às outras cidades italianas, mas mesmo assim foi o centro da economia-mundo.

Entretanto, esse atraso não impediu que se tenha instalado em Veneza um sistema que levantou os problemas das relações entre o capital, trabalho e o Estado, relações que o capitalismo implicou posteriormente¹⁰⁹. Na cidade veneziana, a distribuição de riqueza era muito diversificada e os lucros dos tráficos mercantes acumulam-se nas reservas mas também são continuamente investidos e reinvestidos. Esse processo se dava nos navios, onde as mercadorias eram habitualmente adiantadas por emprestadores¹¹⁰. Os venezianos também praticavam investimento maciço a curto prazo. Isso se dá porque a população adiantava o seu dinheiro para os mercadores empresários, criando e recriando uma espécie de sociedade mercantil em toda cidade¹¹¹. Também, a vida comercial de Veneza é muito ligada ao Levante, então necessita de um comércio que exige capitais volumosos e a enorme massa do capital veneziano é inteiramente empregada lá, a ponto da cidade ficar esvaziada de numerário após a partida das galeras. O rolamento desse capital era bastante rápido, durava de seis meses a um ano, e as idas e vindas dos navios conferiam um ritmo a todas as atividades da cidade¹¹². Quanto ao trabalho, ele era dividido em proletariado do mar e os operários das *Arti* e se dava por meio do adiantamento de metade do soldo¹¹³. Os primeiros, eram os carregadores, os estivadores, marinheiros e remadores, isto é, trabalhadores sem qualificação. Os

106 BRAUDEL, F. **Civilização material, economia e capitalismo: séculos XV-XVIII, o jogo das trocas**. 2 ed. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda, 2009, p. 495.

107 *Ibidem*, p. 498.

108 BRAUDEL, F. **Civilização material, economia e capitalismo: séculos XV-XVIII, O tempo do mundo**. 2 ed. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda, 2009. p. 112.

109 *Ibidem*, p. 112.

110 *Ibidem*, p. 113.

111 *Ibidem*, p. 115.

112 *Ibidem*, p. 116.

113 *Ibidem*.

segundos, eram os que estavam na estrutura organizada dos artesanatos da cidade, que havia uma certa formação. O capitalismo em Veneza, porém, desaparece após a inserção portuguesa na Antuérpia, que passa a ser o próximo centro da economia-mundo europeia.

A partir dos pressupostos braudelianos, podemos analisar que Veneza possuía um capitalismo. Pois, era o centro da economia-mundo europeia por aquele período e porque havia acumulação, inserção e reinserção de capital no comércio mercantil de longa distância praticado pelos grandes mercadores. Isto é, havia comerciantes capitalistas que alongavam cadeias mercantis e com movimento constante de capital no Mediterrâneo. O trabalho, por sua vez, não era de todo semelhante ao processo capitalista, pois Veneza não possuía o trabalho assalariado, pois os pagamentos se davam mediante a contratos com adiantamento de soldo.

Cabe agora observar se dentro da interpretação de Braudel sobre a origem do capitalismo, ele se relaciona com o pensamento marxista. Antes, é necessário pontuar que como abordado por Peter Burke, Braudel preservava uma distância intelectual de Marx e do marxismo, pois não queria cair em uma armadilha de uma estrutura intelectual que considerava rígida¹¹⁴. Porém, como diz Braudel numa passagem citada por Burke¹¹⁵

“O gênio de Marx, o segredo de sua longa influência [...] está no fato de ter sido o primeiro a construir verdadeiros modelos sociais, fundamentados na longa duração histórica. Esses modelos se sedimentaram em toda sua simplicidade por lhe darem o *status* de leis” (BURKE, p. 44).

Observa-se então que Braudel admitia a importância de Marx na construção de modelos sociais fundamentados na longa duração histórica, mas que o que desprezava era a sedimentação do método materialista histórico que foi considerado como uma lei histórica universal por algumas vertentes marxistas.

É possível estabelecer uma relação entre o pensamento braudeliano e marxiano quando se trata dos primórdios da era capitalista. Isso se dá porque Braudel afirma que Marx situou os primórdios do capitalismo no século XVI, e que os primeiros esboços da produção capitalista foram precoces nas cidades italianas nos séculos XIV e XV¹¹⁶. Deste modo, observamos que ambos os autores estão sintonia quando concordam que havia um certo capitalismo nesta região do planeta se considerarmos além de Veneza, Gênova, que após a Antuérpia passa a ser o centro da economia-mundo europeia.

114 BURKE, P. **A Revolução Francesa da Historiografia: a Escola dos Annales 1929-1989**. 2 ed. São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista, 1992, p. 44.

115 *Ibidem*.

116 BRAUDEL, F. **Civilização material, economia e capitalismo: séculos XV-XVIII, o jogo das trocas**. 2 ed. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda, 2009, p. 207.

Conceitualmente, observamos que ambos os autores consideram a palavra “capital” com um significado semelhante. Marx, vê o capital como uma forma social específica da riqueza, que tem uma lógica própria de movimento que se baseia na busca contínua da sua valorização. Já Braudel, por sua vez, como demonstrado anteriormente, vê o capital como o resultado de todo trabalho anteriormente realizado e em permanente ação¹¹⁷. Portanto, podemos observar que ambos os pensadores estão de acordo, pois concordam que capital é o resultado de um trabalho anterior - e que produziu riqueza - e busca continuamente sua valorização.

Porém, vemos uma distinção entre os pensamentos dos autores no significado da palavra capitalismo e a própria ideia de seu surgimento. Karl Marx nunca citou a palavra "capitalismo" em o *Capital*, apenas considera o “modo de produção industrial” como “capitalista”. Porém, “capitalismo” é uma palavra que incorpora-se no marxismo com o passar do tempo. O capitalismo, na visão marxista, é um sistema de produção em que os produtores são separados dos meios de produção e que o trabalho e os bens se transformam em mercadorias. E essa transformação se deu na Inglaterra do século XVI pelo processo de acumulação primitiva. Para Braudel, entretanto, o capitalismo precede esse acontecimento, ele é baseado na longa duração, podendo ser encontrado características capitalistas em civilizações anteriores à europeia e está localizado em um andar superior da vida material, sendo realizado por poucos e baseado na inserção constante de capital para gerar acumulação¹¹⁸. Logo, existe uma diferença de abordagem dos dois autores sobre esses termos semelhantes.

Braudel acreditava que o capitalismo não poderia ter se originado por um único ponto ou processo. Em uma passagem, as ideias braudelianas vão de encontro com a visão de autores como Weber, Werner Sombart e Marx¹¹⁹:

“A explicação “idealista”, unívoca, que faz do capitalismo a encarnação de uma certa mentalidade é apenas a saída encontrada, à falta de outra, por Werner Sombart e Max Weber, para escaparem ao pensamento de Marx. [...] Não creio, por conseguinte, que tudo seja material, ou social, ou relação social no capitalismo. A meu ver, há um ponto fora de dúvida: ele não pode ser oriundo de uma única e obscura origem; a economia teve uma palavra a dizer; a política teve uma palavra a dizer; a cultura e a civilização tiveram uma palavra a dizer. E também a história, que em geral decide em última instância as relações de força.”

117 BRAUDEL, F. **A dinâmica do capitalismo**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1987, p. 57.

118 *Ibidem*, p. 58.

119 BRAUDEL, F. **Civilização material, economia e capitalismo: séculos XV-XVIII, o jogo das trocas**. 2 ed. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda, 2009, p. 355.

Portanto, para Braudel, nem tudo é material, social ou relação social no capitalismo. Sob seu ponto de vista economia, política, sociedade, cultura e civilização, tiveram uma palavra a dizer sobre a origem do capitalismo, e em última instância a história. Desta forma, observa-se que ele se distancia do método materialista histórico, já que esse método tem como o fator decisivo o âmbito econômico, ainda que possuindo uma relação complexa com os elementos políticos, jurídicos, religiosos, literários e artísticos que interferem na economia. O movimento histórico, sob o viés do ponto de vista materialista, é posto em um contexto complexo de inúmeras forças entrecruzadas. Braudel não vê o âmbito econômico como decisivo em sua análise, mas sim a história.

Entretanto, como demonstrado por Cunha, Braudel considerava que o pensamento de Marx havia penetrado em todos os países, sendo impossível não ser impactado pelo seu pensamento¹²⁰. Como apontado por Peter Burke, no último volume de “Civilização Material, Economia e Capitalismo: Século XV-XVIII O tempo do mundo”, Braudel apoia-se firmemente nas ideias de Immanuel Wallerstein¹²¹. Wallerstein, ainda para Burke, se filia a uma tradição marxista para fazer a análise da “divisão internacional do trabalho” e as sucessivas hegemonias: holandesa, britânica e americana. Portanto, fica perceptível que Braudel aceitou ideias de tradição marxista para escrever sua teoria sobre as economias-mundo quando se apoiou nas interpretações de Immanuel Wallerstein¹²².

Ainda, é possível observarmos em uma passagem de Braudel, em que ele concorda com o método materialista histórico para a análise do surgimento da mentalidade capitalista em Florença no século XV¹²³. Enquanto analisava a perspectiva de Sombart sobre o surgimento do espírito capitalista na Florença católica que era baseado em um relato do arquiteto Leon Battista Alberti, Braudel¹²⁴ efetua a seguinte ressalva:

“Um historiador atual pensará que essas pesquisas sobre a quintessência têm seu valor, seus atrativos, mas que de maneira nenhuma são suficientes. E que, se quisermos apreender a origem das mentalidades capitalistas, teremos de ultrapassar o universo enfeitado das palavras. Ver as realidades – para tal ir, e nelas se demorar, às cidades italianas da Idade Média. O conselho vem de Marx.”

120 CUNHA, J. F. **Economia mundo e a escrita estrutural da história** Um estudo de Fernand Braudel. 2011. 378f. Tese (Doutorado em História Econômica) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, São Paulo, 2011. p. 166.

121 BURKE, P. **A Revolução Francesa da Historiografia: a Escola dos Annales 1929-1989**. 2 ed. São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista, 1992, p. 44

122 *Ibidem*.

123 BRAUDEL, F. **Civilização material, economia e capitalismo: séculos XV-XVIII, o jogo das trocas**. 2 ed. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda, 2009.

124 BRAUDEL, F. **Civilização material, economia e capitalismo: séculos XV-XVIII, o jogo das trocas**. 2 ed. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda, 2009, p. 517.

Isto posto, podemos ver que o autor francês acredita que não é possível realizar a análise do surgimento da mentalidade capitalista apenas partindo de alguns relatos de pessoas que viveram no século XV. Ele acredita que para realmente encontrar essas origens, é necessário estudar as realidades materiais das cidades italianas como um todo e dentro daquele contexto. Admite então que esse conselho provém do método materialista histórico, o que demonstra que o autor tem apreço ao método marxiano.

Agora é possível realizarmos uma conclusão sobre os aspectos abordados acima. Em primeiro lugar, ambos os autores estão de acordo sobre a existência de um certo capitalismo no Mediterrâneo do século XV, mas Marx acredita que ele só se deu em sua forma clássica na Inglaterra séculos depois, enquanto Braudel acredita que foi ali mesmo que se originou na Europa. Em segundo lugar, ambos os autores estão de acordo com a palavra capital. Em terceiro lugar, Braudel vê o capitalismo pelo viés da longa duração e acredita que o mesmo é um estágio superior da vida material. Já Marx, acredita que o sistema capitalista é um modo de produção. Em quarto lugar, por mais que Braudel tenha se distanciado do marxismo e do método materialista histórico, ele acabou se aproximando dessa corrente teórica em “Os tempos do Mundo”, quando utilizou conceitos de Wallerstein para escrever sobre as economias-mundo. Por fim, observamos que Braudel considera o método materialista histórico como uma ferramenta útil para apreender a origem das mentalidades capitalistas. Portanto, podemos concluir que o marxismo e o pensamento marxiano foram úteis para Braudel na construção de suas interpretações e o influenciaram, mas o que o fez se distanciar dessas correntes teóricas foi a transformação do método materialista histórico em leis gerais históricas por parte de alguns autores marxistas. Braudel prioriza o comércio de longa distância, o protagonismo dos grandes comerciantes e a longa duração como essenciais para explicar a origem do capitalismo na Europa. Já Marx prioriza a produção e o processo de acumulação primitiva para explicar a origem do capitalismo, isto é, enfatizando a separação dos trabalhadores dos meios de produção como o ponto de origem do sistema capitalista.

2.2 O papel da escravidão negra na ascensão do capitalismo

Nesta segunda parte do capítulo, abordaremos as interpretações de Eric Williams (1911-1981) sobre a origem do capitalismo. Porém, antes de realizarmos essa abordagem, é importante a análise da trajetória intelectual do autor para melhor compreensão de suas ideias, o que serve também para situarmos temporalmente a sua obra. Eric Williams foi um historiador nascido em Trinidad e Tobago e realizou sua formação universitária na Universidade de Oxford no período de 1932 até 1938. O historiador Marcelo Durante (2021), em sua dissertação de mestrado “As

Relações entre a Escravidão e o Capitalismo: uma leitura da trajetória intelectual de Eric Williams de 1932 a 1944”, afirma que Williams, no período de sua formação, entrou em contato com a corrente humanitarista inglesa sobre a abolição da escravidão, que fazia parte do *establishment* de Oxford¹²⁵.

Em linhas gerais, a corrente humanitarista de pensamento tinha como base a ideia de que a abolição do tráfico de escravizados ocorreu pelo restabelecimento dos valores morais e cristãos na Inglaterra¹²⁶. Isto é, o tráfico de escravizados estava sendo desarticulado porque se tratava de uma atividade incompatível com o elevado padrão moral alcançado pela combinação entre o cristianismo, a filantropia e o respeito às liberdades individuais¹²⁷. Mesmo que essa fosse a corrente predominante na academia inglesa, Williams entrou em contato com grupos anticoloniais, antirracistas e pan-africanistas que aguçaram seu senso crítico, e foi nesse momento em que conheceu as ideias do materialismo histórico dialético¹²⁸. Como apontado por Marcelo Durante ele adota o materialismo histórico em suas duas obras, *The Economic Aspect* (1938) e *Capitalism & Slavery* (1944) para justamente criticar as bases do humanitarismo¹²⁹.

Cabe agora fazermos uma retomada da interpretação de Williams sobre a origem do capitalismo que está inserida dentro de sua obra *Capitalismo & Escravidão*¹³⁰. Para isso, primeiramente nos debruçaremos no conceito de “mercantilismo” a partir das elucidações do historiador francês Pierre Deyon. Em segundo momento, com o uso da obra de Williams, vamos compreender como se deu o comércio triangular entre Inglaterra, Índias Ocidentais e África, ressaltando as principais cidades envolvidas nesse processo e os produtos que eram comercializados. Em terceiro momento, será exposta a interpretação do historiador trinitário-tobagense de como a industrialização e o capitalismo foram financiados com o uso de mão de obra escravizada. Em quarto momento, observaremos como Eric Williams observa o fim do mercantilismo e a ascensão do capitalismo e da *laissez-faire*. Por fim, observaremos as relações de Braudel com o pensamento marxista em suas elaborações.

Um conceito muito utilizado durante a obra de Eric Williams (2020) é o de “mercantilismo”. Ele é chave para compreendermos a política econômica inglesa durante o período moderno, portanto, cabe aqui a sua definição. Segundo o historiador Pierre Deyon (1992), não existe uma definição comum do mercantilismo, pois alguns escritores falam que mercantilismo é o

125 DURANTE, Marcelo dos Santos. **As Relações entre a Escravidão e o Capitalismo: leitura da trajetória intelectual de Eric Williams de 1932 a 1944**. 2021. 173f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Econômico) Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Economia. p.30

126 *Ibidem*, p. 35

127 *Ibidem*, p. 39

128 *Ibidem*, p.26

129 *Ibidem*, p. 28.

130 WILLIAMS, Eric. **Capitalismo & Escravidão**. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras. 2020.

nacionalismo autárquico, o intervencionismo do Estado na economia ou o bulionismo - a crença de que a acumulação de metais é a única forma de riqueza¹³¹. Deyon considera o mercantilismo como um conjunto das teorias e das práticas de intervenção econômica que se desenvolveram na Europa moderna desde a metade do século XV¹³². Essas práticas, se deram de forma mais eficaz apenas em países onde existia um embrião de burguesia nacional, um esboço de mercado geográfico e as bases de uma relativa autarquia¹³³. Os países nos quais existiam tais condições eram a Inglaterra, a França e em menor escala a Suécia¹³⁴. Aqui, nos basta apenas uma análise do caso inglês. O mercantilismo na Inglaterra adquiriu três formas essenciais: (1) a proteção da moeda e dos estoques de metais preciosos; (2) a proteção da produção e (3) o encorajamento e favores à marinha e ao mercado nacional.¹³⁵ Na primeira forma, Deyon expõe que no ano de 1663 a Inglaterra se desembaraça das velhas regulamentações bulionistas, e se inspirando em Veneza e Holanda, autoriza a exportação de moedas estrangeiras de ouro e prata. Logo, segundo Deyon¹³⁶

“A tarefa do governo não era mais regulamentar o movimento das espécies, mas orientar e dirigir as correntes do comércio para garantir um saldo positivo.”

Assim, o Estado tomou medidas para tornar a balança comercial inglesa favorável e equilibrada, garantindo a estabilidade da libra esterlina. Na segunda forma, Deyon escreve que no fim do reinado de Jaime I, as exportações de lã são interditas para dar aos tecelões ingleses o monopólio sobre essa matéria prima¹³⁷. Além disso, em 1700, o governo interditou a importação de seda e de algodão provenientes do Oriente para dar prioridade aos tecidos ingleses¹³⁸. Nos campos, por sua vez, a coroa permitiu a exportação de cereais, encorajando a agricultura. Com isso, se observa que o Estado inglês priorizou que matérias-primas fossem consumidas no mercado interno a fim de priorizar o desenvolvimento das manufaturas locais e estimulou a exportação cereais. Na terceira forma, Deyon afirma que o elemento essencial do sistema mercantilista inglês no século XVII é constituído pelos Atos de Navegação¹³⁹. Isso garantiu que a marinha também gozasse de um regime altamente protecionista, pois as mercadorias só poderiam ser transportadas para a Inglaterra em navios ingleses, importados pela marinha britânica e por navios comandados por capitães ingleses e

131 DEYON, Pierre. **O Mercantilismo**. 3 ed. São Paulo: Perspectiva, 1992, p. 11.

132 *Ibidem*, p. 12.

133 *Ibidem*, p. 36.

134 *Ibidem*, p. 35.

135 *Ibidem*, p. 30.

136 *Ibidem*, p. 31.

137 *Ibidem*, p. 32.

138 *Ibidem*.

139 DEYON, Pierre. **O Mercantilismo**. 3 ed. São Paulo: Perspectiva, 1992, p. 33.

composto por tripulações inglesas¹⁴⁰. Portanto, o mercantilismo inglês foi composto por medidas governamentais que favoreciam as manufaturas, a agricultura e a marinha, garantindo o equilíbrio da balança comercial.

A invasão europeia na América forneceu aos europeus, além de uma fonte de metais preciosos, um novo mercado inesgotável aos produtos europeus. Partindo dessa ideia, Williams expõe que o comércio marítimo triangular entre Inglaterra, colônias americanas e África era baseado no mercantilismo¹⁴¹. Assim, a metrópole fornecia produtos de exportação, as colônias da América forneciam os produtos coloniais e os territórios africanos a mercadoria humana escravizada¹⁴². Nessa lógica, o navio saía da Inglaterra com uma carga de artigos manufaturados, que eram trocados por pessoas escravizadas na costa da África, levados para a América - mais precisamente as Índias Ocidentais - onde eram vendidos para trabalhar nas fazendas, e os navios ingleses eram recarregados com produtos coloniais e voltavam de onde partiram¹⁴³. Não obstante, o comércio marítimo triangular foi responsável por estimular a indústria britânica, pois os negros eram comprados com artigos britânicos, transportados para as fazendas onde produziam matérias primas coloniais cujo processamento se dava nas novas indústrias inglesas, e a manutenção dos escravizados e dos donos da fazenda também forneciam mais um mercado para a indústria britânica¹⁴⁴. Deste modo, para Williams, fica evidente que o comércio marítimo triangular baseado na escravização estimulou o surgimento das indústrias britânicas. Outro ponto que Williams aborda, foi o estímulo pelo qual a construção naval inglesa recebeu pelo comércio marítimo triangular. Isso se dá porque construía-se navios especiais para o tráfico negreiro, com o objetivo de reduzir a mortalidade dos escravizados durante as viagens¹⁴⁵. Assim, a construção desses navios aquecia toda uma rede de ofícios envolvidos na construção naval como construtores, carpinteiros, comerciantes e artesãos.

Outro aspecto da vida material inglesa que se desenvolveu por causa do comércio marítimo triangular e do mercantilismo foi o das grandes cidades portuárias e das cidades manufatureiras. Segundo Williams, o comércio de escravizados e de açúcar converteu Bristol na segunda maior cidade da Inglaterra durante o século XVIII¹⁴⁶. Inclusive, essa cidade desenvolveu refinarias de açúcar como consequência do comércio de escravizados. Outra cidade que também cresceu por

140 *Ibidem*.

141 WILLIAMS, Eric. **Capitalismo & Escravidão**. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras. 2020, p. 90.

142 *Ibidem*.

143 *Ibidem*.

144 *Ibidem*.

145 *Ibidem*, 98.

146 *Ibidem*, 101.

consequência do comércio de escravizados foi a cidade de Liverpool¹⁴⁷. Liverpool possuía fabricantes e comerciantes de diversos metais para construção de objetos e artigos que eram utilizados diretamente no comércio de escravizados, como por exemplo grilhões e armas de fogo, o que demonstra a dependência da cidade com a escravidão. Ainda, Williams afirma que a acumulação de capital gerada em Liverpool permitiu o crescimento da população do condado de Lancashire, o que incentivou por sua vez o crescimento das manufaturas de Manchester para suprir as demandas desse mercado consumidor¹⁴⁸. Além disso, Manchester esteve muito ligada à Liverpool pelo fato da segunda ter uma saída portuária, portanto, os artigos manufaturados em Manchester poderiam ser levados para a África e para às Índias Ocidentais a partir dos navios negreiros que saíam dessa cidade portuária. Logo, Manchester fornecia os produtos manufaturados em troca das matérias-primas fornecidas pela colônia¹⁴⁹. Assim, na visão de Williams, o crescimento manufatureiro de Manchester também esteve intimamente ligado à acumulação de capital gerada pela venda de escravizados¹⁵⁰. Portanto, em linhas gerais, todas essas grandes cidades inglesas foram beneficiadas pela escravidão.

Agora cabe compreendermos como o historiador observa o surgimento do capitalismo. Para Williams, esse modo de produção surge a partir da Revolução Industrial, que foi financiada com recursos provenientes da acumulação de capital gerada pelo comércio triangular e da escravidão. Isto posto, é crucial a exposição de como Williams observou o desenvolvimento da industrialização na Inglaterra e o surgimento do capitalismo. A Grã-Bretanha acumulou muitas riquezas por causa do mercantilismo do comércio marítimo triangular, gerando um aumento da produção dos bens de consumo e da capacidade de produtividade do país¹⁵¹. Esse aumento da capacidade de produção foi financiado por quem tinha capital naquele momento, e quem possuía eram os fazendeiros das colônias que compraram terras na Inglaterra e os comerciantes de escravos de Liverpool. Williams demonstra com uso de vasta documentação que esse capital de origem do comércio triangular correu para bancos, para indústrias pesadas e para companhias de seguros¹⁵². Com isso, o comércio marítimo triangular deu uma contribuição enorme para o desenvolvimento industrial da Inglaterra. Porém, Williams aponta que o comércio triangular não foi o único responsável pelo desenvolvimento econômico do país¹⁵³. O que desempenhou um papel significativo no desenvolvimento foi o crescimento do mercado interno na Inglaterra, junto com o investimento dos

147 *Ibidem*, 103.

148 *Ibidem*, 104.

149 *Ibidem*, 115.

150 *Ibidem*.

151 *Ibidem*, p. 148.

152 *Ibidem*, p. 155.

153 *Ibidem*, 157.

lucros da indústria dentro do próprio país com o objetivo de gerar mais capital e obter um crescimento ainda maior¹⁵⁴. Deste modo, foi a combinação dos lucros do mercantilismo investidos na indústria e o aumento do mercado interno que gerou ainda mais capital para ser reinvestido. Esse desenvolvimento industrial, Williams aponta, que foi incentivado pelo mercantilismo, veio mais tarde a superá-lo e a destruí-lo¹⁵⁵.

Inaugurou-se então uma nova fase em que não houve mais espaço para o mercantilismo e para o monopólio do comércio da Inglaterra com as Índias Ocidentais no comércio marítimo triangular devido a industrialização. Se antes, quem fornecia algodão e açúcar eram as Índias Ocidentais britânicas, a partir do desenvolvimento da indústria inglesa e do capitalismo industrial, a compra desses produtos passou a ser mais lucrativa se importados de outros locais. Como apontado por Williams, as importações inglesas de algodão bruto subiram de 11 milhões de libras em 1784 para 283 milhões em 1832¹⁵⁶. E quem fornecia essa quantidade de algodão eram os países que tinham uma alta capacidade produtiva, nesse caso os Estados Unidos da América. Logo, na visão de Williams, quem ergueu cidades como Liverpool e Manchester foram as Índias Ocidentais, porém elas não conseguiam suprir a demanda inglesa, portanto o monopólio não era mais lucrativo que o livre comércio entre Estados. Além disso, as revoluções e independências na América Latina abriram uma vasta perspectiva para o comércio britânico, uma vez que o mercantilismo espanhol fora derrubado e a abertura dos portos brasileiros à Inglaterra fora decretada¹⁵⁷. Assim, observa-se que o mercantilismo foi substituído pelo livre mercado, pois era mais lucrativo para a lógica capitalista que se desenvolvia.

O debate sobre fim do monopólio colonial e do mercantilismo esquentou o debate sobre o fim do tráfico de escravizados e a abolição da escravidão pois ambos estavam intimamente ligados com o sistema escravista. A nova situação sobre o fim do comércio colonial e da escravidão não foi aceita sem relutância na Inglaterra, pois os fazendeiros das Índias Ocidentais queriam a manutenção do seu privilégio de comércio exclusivo com a metrópole e também da escravidão, o que gerou um conflito entre fazendeiros e capitalistas no cenário político¹⁵⁸. Inicia na Inglaterra um debate entre proteção e monopólio contra *laissez-faire*. De um lado, os fazendeiros alegavam que o protecionismo deveria continuar pois tinham investido capital nas Índias Ocidentais e isso não seria justo que perdessem o capital desse investimento. De outro, os comerciantes e capitalistas de Liverpool declaravam que o monopólio proibia o comércio com outros países e que isso era lesivo

154 *Ibidem*.

155 *Ibidem*.

156 *Ibidem*, p. 184.

157 *Ibidem*, p. 188

158 *Ibidem*, p. 193.

aos interesses gerais do país, pois davam mais prejuízos que lucros¹⁵⁹. Portanto, observa-se que havia uma ligação entre o monopólio colonial e a escravidão.

Williams demonstra que apesar dos fazendeiros das Índias Ocidentais terem auxiliado na industrialização da Inglaterra, acabaram por perder essa disputa entre mercantilismo contra *laissez-faire*. Se antes de 1783 as ilhas britânicas eram fortes exportadoras de matérias-primas pois não possuíam concorrentes devido às políticas mercantilistas, com o aumento da produtividade em colônias não-inglesas, se tornou mais lucrativo para a coroa britânica importar matérias-primas desses países, e a manutenção do monopólio das Índias Ocidentais inglesas apenas trazia prejuízo aos britânicos. Assim, a coroa passou a considerar a independência de suas ilhas na América pois isso traria menos prejuízos que a manutenção do monopólio¹⁶⁰. O sistema colonial, para Williams, era a espinha dorsal do capitalismo comercial da época mercantil, mas na era do capitalismo industrial, não era mais vantajoso as colônias das Índias Ocidentais¹⁶¹. Foi apenas com a explosão das revoltas de escravizados e da campanha humanitarista que em 1833 houve a abolição da escravidão na Jamaica. Porém, se viu em uma situação de falta de mão de obra e de aumento de salários, o que impossibilitou a concorrência com países vizinhos.¹⁶² As Índias Ocidentais inglesas perderam o monopólio canavieiro pois não conseguiam concorrer com São Domingos em 1789, com as Ilhas Maurício em 1820, nem com o Brasil em 1830 e nem com Cuba em 1840, pois esses outros territórios - pertencentes a outras metrópoles - eram muito maiores, mais férteis e muito mais produtivos e que ainda utilizavam do trabalho escravizado. Logo, observa-se que a *laissez-faire* inglês imperou sobre o protecionismo por ser mais lucrativo, aboliu o tráfico de escravizados em seus territórios mas continuou se beneficiando dele indiretamente pela produção de outros países. O capitalismo industrial inglês, na visão de Williams, por mais que tenha abolido a escravidão nas Índias Ocidentais se utilizou do fruto do trabalho escravizado comprando matérias primas de países com mão de obra escravizada¹⁶³.

Na sua conclusão, Williams escreve que o capitalismo mercantil do século XVIII desenvolveu a riqueza da Europa por meio da escravidão e do monopólio. E esse auxiliou em financiar o desenvolvimento do capitalismo industrial, que mais tarde viria a ser seu algoz¹⁶⁴. Se tratando da abolição da escravidão, Williams observa que as ideias políticas e morais devem ser examinadas na relação mais próxima possível com o desenvolvimento econômico¹⁶⁵. O movimento

159 *Ibidem*, p. 196.

160 *Ibidem*, p. 204.

161 *Ibidem*, p. 201.

162 *Ibidem*, p. 212.

163 *Ibidem*, p. 234.

164 *Ibidem*, p. 285.

165 *Ibidem*, p. 286.

abolicionista e humanitarista mostraram afinidade com o desenvolvimento de novos interesses econômicos e necessitaram a destruição dos antigos interesses¹⁶⁶.

É importante destacar que o debate sobre o financiamento da industrialização a partir da escravidão se perdura no debate acadêmico, como demonstrado por Carlos Leonardo Kelmer Mathias em seu artigo “A tese de Williams e o Antigo sistema Colonial: notas sobre um debate clássico”¹⁶⁷. Kelmer cita que para acadêmicos como David Eltis e Stanley Engerman o tráfico atlântico de escravizados representou uma pequena parte do comércio atlântico de qualquer potência europeia¹⁶⁸. Por outro lado, escreve que o autor Dale Tomich demonstrou a complexidade da relação entre capitalismo e escravidão nesse debate, pois para ele a Revolução Industrial aumentou a demanda por produtos subtropicais e tropicais, intensificando a utilização de trabalho escravizado na América¹⁶⁹. Portanto, a questão do capitalismo e da escravidão ainda se mantém de pé no debate acadêmico até os dias de hoje e não existe consenso sobre o assunto.

Cabe agora analisar se Eric Williams em sua interpretação sobre a origem do capitalismo é influenciado pelo pensamento marxiano e marxista. Como citado por Durante, Eric Williams conheceu o materialismo histórico dialético quando entrou em contato com grupos antirracistas, anticoloniais e pan-africanistas na Inglaterra. Williams utiliza do materialismo histórico quando analisa as condições objetivas da Inglaterra e propõe uma interpretação fundamentada na mudança do padrão de acumulação da Grã-Bretanha como um fator determinante para que a escravidão e o tráfico de escravos perdessem o apoio das classes dominantes¹⁷⁰. Desta forma ele transpôs o centro da análise que antes se dava pelo viés humanitarista, que era baseado no campo das ideias, para condicionantes materiais, baseado na análise das condições objetivas¹⁷¹.

Como abordado no capítulo 1, Marx coloca a escravização de pessoas na África para utilização de seu trabalho na América como a aurora da era de produção capitalista, sendo um processo de acumulação primitiva semelhante ao inglês¹⁷². Através do sistema colonial, Marx afirma que se intensificou o comércio e a navegação, a expansão de manufaturas, o escoamento da produção para as colônias e a acumulação potenciada pelo monopólio do mercado. O ouro e as

166 *Ibidem*.

167 MATHIAS, C. L. K. **A tese de Williams e o Antigo Sistema Colonial: notas sobre um debate clássico**. História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography, Ouro Preto, v. 6, n. 11, p. 190–209, 2012.

168 *Ibidem*, p. 200.

169 *Ibidem*, p. 204.

170 DURANTE, Marcelo dos Santos. **As Relações entre a Escravidão e o Capitalismo: leitura da trajetória intelectual de Eric Williams de 1932 a 1944**. 2021, p. 27.

171 *Ibidem*.

172 MARX, Karl. **O Capital**. Capítulo XXIV: A Assim Chamada Acumulação Primitiva. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1996, p. 370.

matérias primas de territórios americanos refluíram para a Europa onde se transformaram em capital¹⁷³. Isto posto, podemos observar que existe uma semelhança com a interpretação de Williams, que afirma que o comércio marítimo triangular gerou a acumulação de capital para financiar o desenvolvimento do capitalismo mercantil na Inglaterra. Ainda, segundo Durante¹⁷⁴

“Marx (2017) constrói sua análise considerando que a escravidão é um dentre os vários suportes à formação do capitalismo. Uma vez formado, o capitalismo industrial entra em conflito com a escravidão até destruí-la por completo³⁰. Em certa medida, Williams analisa o fim da escravidão no Império Britânico tal qual Marx a caracterizou nos quadros do processo de formação e consolidação do capitalismo.”

Portanto, fica evidente que Williams se assemelha muito à Marx quando realiza a análise do fim da escravidão no Império Britânico pela mudança da lógica de produção. Além disso, por mais que Williams não faça menções diretas à Marx, fica evidente que ele utiliza conceitos como acumulação de capital, e realiza análises de processos semelhantes à luta de classes quando medita sobre as revoltas dos escravizados contra seus senhores.

Partindo das considerações elaboradas nessa pesquisa, fica evidente que Eric Williams em *Capitalismo & Escravidão* foi influenciado pelo materialismo histórico e utilizou esse método para escrever esta obra, por mais que não houvesse uma citação direta de Marx ao longo da obra. É evidente que Eric Williams, na década de 1940, utilizou esse método para criticar a vertente humanitarista da historiografia imperial britânica, que fazia parte do *establishment* da Universidade de Oxford. Como apontado por Rodney Hilton, havia um certo preconceito ou indiferença do *establishment* histórico britânico pelo marxismo, principalmente em relação a obra de Maurice Dobb¹⁷⁵. A historiografia britânica da época não gostava do marxismo, e mesmo assim Eric Williams utilizou desse método justamente para criticar uma vertente oriunda dessa historiografia.

Capítulo 3 - O surgimento do capitalismo para Immanuel Wallerstein e Ellen Wood

Neste capítulo analisaremos autores mais contemporâneos e que também possuem interpretações singulares sobre a origem do capitalismo. Assim sendo, o enfoque deste capítulo será

173 *Ibidem*, p. 372.

174 DURANTE, 2021, p. 44.

175 HILTON, Rodney (org.). **A transição do feudalismo para o capitalismo**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2004. p.10.

sobre as obras de Immanuel Wallerstein e Ellen Wood, onde também se procurará as relações entre o pensamento marxista e marxiano nas suas obras.

3.1 A formação da economia-mundo capitalista europeia

Segundo Ricardo Lima Caixeta em sua dissertação de mestrado em Direito Público, Immanuel Maurice Wallerstein (1930-2019), foi um sociólogo estadunidense e que é conhecido por ter desenvolvido a análise dos sistemas-mundo¹⁷⁶. Wallerstein também dedicou sua vida aos estudos africanos ligados às questões coloniais e períodos de independência¹⁷⁷. No fim de sua carreira, o autor se dedicou à crítica epistemológica das ciências sociais¹⁷⁸. Para este trabalho, utilizaremos apenas as obras wallersteinianas sobre a análise dos sistemas-mundo e como a partir dela o autor interpreta a origem do sistema capitalista.

Para efetuarmos esse objetivo, primeiramente serão analisadas as influências teóricas de Wallerstein utilizando como base a dissertação de mestrado de Caixeta. Em segundo momento, com a análise dos dois primeiros capítulos de sua obra “O sistema-mundial moderno” será dada a definição de economia-mundo para Wallerstein e a definição das três zonas de uma economia-mundo. Em terceiro momento, será dada a definição de Estado moderno segundo o “Dicionário de Política” de Norberto Bobbio, pois esse é um conceito-chave para compreendermos a análise de Wallerstein. Em quarto momento, será feita a exposição sobre a crise do feudalismo e as condições históricas para o surgimento do capitalismo para Wallerstein. Por fim, será feita análise das relações entre o pensamento wallersteiniano e o pensamento marxista na sua elaboração sobre a origem do capitalismo.

A análise dos sistemas-mundo de Wallerstein, para Caixeta, foi embasada a partir diversas influências teóricas europeias e da sensibilidade crítica de pesquisadores sociais do terceiro mundo¹⁷⁹. Essas tradições, segundo Caixeta citando Walter Goldfrank, foram três: (1) a economia histórica alemã; (2) a Escola dos Annales e (3) o marxismo¹⁸⁰. Pela economia histórica alemã, Wallerstein fora influenciado por Max Weber, Joseph Schumpeter e Karl Polanyi. Já pela Escola dos Annales, ele obtém a estrutura das premissas metodológicas para a análise dos sistemas-mundo, especialmente à unidade de análise e aos tempos sociais múltiplos, tendo como principal influência

176 CAIXETA, Ricardo Lima. O Estado no sistema-mundo moderno: um estudo sobre permanências baseado na obra de Immanuel Wallerstein. 2018. 264p. Dissertação (Mestrado em Direito Público) Faculdade de Direito de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, 2018. p. 45.

177 *Ibidem*, p. 25.

178 *Ibidem*.

179 *Ibidem*, p. 28.

180 *Ibidem*.

Fernand Braudel¹⁸¹. Do marxismo, o autor se aproxima do materialismo histórico e da importância central da acumulação de capital para a compreensão da dialética da realidade social moderna¹⁸². Também recebeu dos cientistas sociais periféricos a contribuição da teoria da dependência¹⁸³. Por fim segundo Caixeta¹⁸⁴, o sistema-mundo para Wallerstein é

“espécie do gênero sistema social histórico, como uma zona mais ou menos ampla de espaço-tempo, unificada por uma extensa divisão do trabalho, na qual se dá o fenômeno social de uma maneira autônoma e autossuficiente, e que contém múltiplas unidades culturais (MWS, 2011, Vol. 1, p. 348). Em outras palavras, o sistema-mundo é uma entidade que contém uma organização de processos singulares, distintos da mera agregação das suas partes.”

Portanto, sistema-mundo é um sistema social histórico com uma zona ampla de espaço-tempo que é unida por uma extensa divisão do trabalho. Todas essas influências foram necessárias para Wallerstein realizar a “análise do sistema-mundo”.

O conceito de sistema-mundo de Wallerstein se divide em impérios-mundo e economia-mundo, e como exposto por Caixeta¹⁸⁵, a diferença entre ambos é que no primeiro existe um sistema político em comum, e no segundo existem diversos sistemas políticos. Assim, vale destacar que para Wallerstein, o capitalismo está intimamente ligado à economia-mundo, logo para compreender sua origem, é necessário conhecer a economia-mundo capitalista europeia. O autor considera que no século XVI a Europa já se apresentava como uma economia-mundo capitalista pois suas ligações básicas entre as partes do sistema eram econômicas¹⁸⁶, embora também houvesse laços culturais e arranjos políticos entre essas partes¹⁸⁷. E era capitalista por dois motivos: (1) havia apropriação de excedentes e (2) os estados garantiam direitos aos monopolistas e asseguravam termos de troca em transações econômicas, fazendo com que o mercado funcionasse criando incentivos para o aumento crescente de produtividade e desenvolvimento econômico¹⁸⁸.

Wallerstein também apontou que o espaço da economia-mundo europeia ultrapassava os limites do tamanho geográfico do continente europeu. A economia-mundo europeia incluía o noroeste europeu, a península Ibérica, a Europa central, a região do mar Báltico, a Nova Espanha,

181 *Ibidem*.

182 *Ibidem*.

183 *Ibidem*, p. 30.

184 *Ibidem*, p. 47.

185 *Ibidem*, p. 48.

186 Marques também coloca que dentro desse sistema as mercadorias que eram da periferia fluíram para o centro através de extensas cadeias mercantis, mas também fluíram para o Atlântico Norte. Ver: MARQUES, 2021, p. 688.

187 WALLERSTEIN, I. **O sistema mundial moderno**. Porto: Afrontamento, 1990. p. 25

188 *Ibidem*, p. 26.

as Antilhas, o Peru, o Chile e o Brasil¹⁸⁹. Essa economia-mundo se dividia em três zonas diferentes: centro, periferia e semiperiferia. Se faz necessária a análise de cada uma dessas áreas.

O centro da economia era a Europa Ocidental, onde a densidade populacional era mais alta, a agricultura era mais intensiva e o trabalho não era coercitivo¹⁹⁰. Nessa região, houve o florescimento das cidades, o nascimento das indústrias e a transformação dos mercados em força econômica e política. Com a inclusão da Europa Oriental e da América Espanhola na economia-mundo europeia, parte do trabalho no centro foi se libertando gradativamente à especialização¹⁹¹.

A periferia eram as áreas geoeconomicamente periféricas: o continente americano ibérico e o leste europeu¹⁹². Nessa região existiam duas atividades primárias, a mineração de metais preciosos - provindos da América Espanhola - e a agricultura de alimentos - que provinham da Europa Oriental. A tecnologia era apenas intensiva e o sistema social era de exploração do trabalho, isto é, coercitivo. Wallerstein divide o trabalho na periferia em dois tipos de trabalho coercitivo, o trabalho escravizado e o “trabalho coercivo em produções mercantis”. O primeiro é basicamente o trabalho coercitivo realizado por africanos escravizados nas colônias. Já o segundo, é um sistema de controle do trabalho agrícola em que se exigia dos camponeses que trabalhassem uma parte do seu tempo em um grande domínio produzindo produtos para a venda no mercado mundial. O indivíduo tinha a posse de um domínio por designação do Estado, mas não era proprietário direto. Portanto, nesse sistema, os excedentes da periferia destinavam-se à satisfação de necessidades da população de áreas centrais¹⁹³.

Já a semiperiferia era um ponto intermediário que vai desde o centro até a periferia. As regiões semiperiféricas eram a França meridional e a Itália setentrional. Essas regiões possuíam uma economia intermediária, tanto no grau de recompensa econômica quanto nas formas de controle do trabalho. O tipo de trabalho na semiperiferia era a parceria, uma forma intermediária de trabalho. A parceria tinha a vantagem de encorajar os esforços dos camponeses para aumentarem a produtividade trabalhando para o senhor sem uma compulsão legal¹⁹⁴. Além disso, nessa região a produtividade também era voltada para a autossuficiência. De maneira geral, esta era a divisão do sistema-mundo que Wallerstein compreendia como uma economia-mundo capitalista no século XVI.

Antes de compreendermos como se deu a formação da economia-mundo capitalista, é importante realizar a definição do conceito de Estado Moderno. Visto que para o autor os estados se

189 *Ibidem*, p. 74.

190 *Ibidem*, p. 104-105.

191 *Ibidem*, p. 106.

192 *Ibidem*, p. 104.

193 *Ibidem*.

194 *Ibidem*, p. 108-109.

desenvolveram e devem ser compreendidos no contexto do sistema mundial¹⁹⁵. Pois a razão que reinava no início da economia-mundo no século XVI não era a da livre empresa, mas a do estatismo, a *raison d'état*¹⁹⁶. Para isso, utilizaremos o conceito de “Estado” segundo o historiador Pierangelo Schiera¹⁹⁷, que não é universal, mas serve para indicar e descrever uma forma de ordenamento político surgido na Europa a partir do século XIII até os fins do século XVIII. O Estado é uma forma de organização do poder historicamente determinada, com o poder centralizado. Além disso, o ele organiza as relações sociais através de instituições úteis para a prevenção e neutralização dos casos de conflito e para o alcance dos objetivos que as forças que dominam a estrutura social reconhecem como próprias e impõem como gerais ao resto do país¹⁹⁸. O estado moderno é formado pelo Príncipe e seu aparelho de poder que juntos possuem o monopólio da política, e possuem como interlocutores diretos os seus súditos. Schiera também afirma que o desenvolvimento econômico foi o verdadeiro princípio unificador dos interesses comuns dos súditos, pois eles estavam empenhados na defesa das “coisas privadas” e na valorização da política do domínio privado¹⁹⁹. Portanto, defini-se o conceito de Estado Moderno como um ordenamento político formado pelo príncipe e suas instituições que centralizam o poder e a política e tem os seguintes objetivos: organizar as relações sociais, prevenir ou neutralizar conflitos e garantir o alcance dos objetivos das forças que dominam a estrutura social. Esse conceito é importante pois para Wallerstein, dentro de uma economia-mundo as decisões econômicas estão voltadas à arena da economia-mundo e as decisões políticas e jurídicas estão voltadas para os Estados²⁰⁰.

Cabe agora conhecermos a análise histórica que Wallerstein faz sobre o declínio daquilo que ele compreende como “feudalismo” e a ascensão da economia-mundo capitalista na Europa. Na sua visão, o feudalismo na Europa Ocidental foi uma civilização, não um sistema-mundo. Para o autor, o feudalismo não foi uma “economia natural”, isto é, voltada para a subsistência²⁰¹. Isso se dá porque o feudalismo da Europa Ocidental era composto por uma série de pequenos núcleos econômicos, onde a população e a produtividade aumentavam aos poucos e os excedentes produtivos eram concentrados por proprietários de estatuto nobre que controlavam a máquina jurídica, processo esse que era assegurado por mecanismos legais²⁰². Esses excedentes produtivos

195 *Ibidem*, p. 73.

196 *Ibidem*.

197 SCHIERA, Pierangelo: verbete “Estado Moderno” in BOBBIO, Norberto, MATTEUCCI, Nicola & PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de Política**. 8 ed. Brasília: Editora da Unb, 1995.

198 *Ibidem*, p. 427.

199 *Ibidem*, p. 429.

200 WALLERSTEIN, I. O sistema mundial moderno. Porto: Afrontamento, 1990. p. 73.

201 *Ibidem*, p. 28.

202 *Ibidem*.

eram trocados nas cidades por produtos feitos por artesãos²⁰³. Então, a partir do século XII, esse processo comercial acarretou no crescimento e no florescimento das cidades. Portanto, para o autor, o feudalismo não era um sistema contra o comércio e voltado unicamente para a auto-subsistência, mas sim um sistema de apropriação de excedentes que evoluiu junto com o comércio²⁰⁴. Porém, em meados do século XIV, por causa de uma crise generalizada causada por guerras, doenças e dificuldades econômicas a atividade de crescimento do comércio e do feudalismo se encerrou²⁰⁵. Em seu texto, autor expõe três explicações principais de outros autores para essa crise: (1) tendências econômicas cíclicas de expansão seguida de contração; (2) produto de uma tendência secular, isto é, a apropriação do excedente dos camponeses já não sustentava as despesas da classe dominante, que havia chegado ao seu clímax populacional e (3) a climatológica, causada pela alteração das condições meteorológicas europeias, ocasionando na baixa da produtividade dos solos e no aumento de epidemias²⁰⁶. Mas na sua visão, a crise do feudalismo pode ser explicitada a partir da união dessas três explicações²⁰⁷. Isto é, a crise do feudalismo é fruto de conjuntura de tendências seculares, uma crise cíclica imediata e um declínio climatológico.

Agora é possível entender como se deu o processo de formação da economia-mundo europeia. A tese do autor é que três processos foram necessários para o estabelecimento da economia-mundo capitalista europeia: (1) expansão geográfica da Europa; (2) desenvolvimento de diferentes formas de trabalho para a produção de determinados produtos em diferentes zonas da economia-mundo e (3) a criação de aparelhos estatais fortes para se tornarem os estados centrais da economia-mundo capitalista europeia²⁰⁸. Para isso, é fundamental compreendermos como se deu a divisão entre centro-periferia-semiperiferia. Wallerstein identifica o início da expansão europeia com Portugal, pelo seu papel como protagonista nas grandes navegações²⁰⁹. Isso se deu porque em Portugal já havia uma coesão interna devido a presença de um forte aparelho de Estado, que era propício para o investimento em grandes empreendimentos comerciais²¹⁰. Desse modo, a invasão portuguesa à América foi fundamental para o desenvolvimento da economia-mundo capitalista europeia. A invasão deu início ao processo de colonização do território americano, o que foi fundamental para o funcionamento da economia-mundo europeia. Na visão de Wallerstein, com a extração de minérios desse novo continente, aumentou-se o volume de metais preciosos na Europa,

203 *Ibidem*.

204 *Ibidem*, p. 29.

205 *Ibidem*, p. 31.

206 *Ibidem*, p. 45.

207 *Ibidem*.

208 *Ibidem*, p. 46.

209 *Ibidem*.

210 *Ibidem*, p. 57.

e por intermédio da capacidade da Europa de aumentar os empregos, houve um aumento de preços²¹¹. Porém, esse lucro colonial não se manteve nos países ibéricos, uma vez que ele se espalhou principalmente para a Inglaterra. Isso ocasionou em uma situação favorável para a classe investidora local ter acesso a lucros nos lugares onde havia salários médios - pois na Itália os salários eram muito altos e no Leste Europeu eram muito baixos -, o que favoreceu a Europa Ocidental e desfavoreceu as áreas periféricas. A inflação agiu como um mecanismo de poupança forçada, e deste modo, de acumulação de capital, distribuiu desigualmente esses lucros em várias partes do sistema, que levou à ascensão das áreas centrais da economia-mundo, mais precisamente a região noroeste da Europa como o centro do capitalismo²¹². Agora é possível destacar os apontamentos de Wallerstein sobre a divisão da economia-mundo em seus fatores geográficos e sociais.

Na parte Ocidental, as cidades eram mais fortes, enquanto no Oriente havia mais espaço vago para o cultivo e as cidades estavam sempre preocupadas com invasões estrangeiras²¹³. Devido a esses antecedentes, havia uma ligeira vantagem de uma região sobre a outra, e com o passar do tempo e de determinados acontecimentos essa ligeira vantagem se tornou de importância central em termos de ação dominante²¹⁴. Nos séculos XV e XVI, por causa da grande expansão do alcance geográfico e demográfico do mundo do comércio e da indústria, áreas da Europa Ocidental monopolizaram os benefícios dessa expansão e se especializaram em atividades essenciais para colherem esse benefício²¹⁵. Assim, a Europa Oriental se transformou no “celeiro” da Europa Ocidental, que por sua vez estava mais especializada.

Essa especialização na Europa Ocidental acarretou no crescimento das indústrias. Isso ocorreu também pois nos campos há a conversão de terras de produção agrícola em campo para a pastagem de gado, devido ao alto valor agregado da lã e da carne, motivo esse para que se realizasse os cercamentos. E isso criou um exército industrial de reserva para trabalhar nas novas indústrias. A escassez alimentar provocada pelos cercamentos é compensada pela produção agrícola mais eficiente - nas áreas concedidas aos arrendatários - e pela chegada de cereais da Europa Oriental. Essa produção agrícola mais eficiente converteu as obrigações feudais em rendas, reduzindo o custo da produção e aumentando o rendimento da terra, o que levou à ascensão do *yeomen* como rendeiro e o aumento do trabalho assalariado no campo²¹⁶. Com essa situação de especialização agrícola,

211 *Ibidem*, p. 78.

212 *Ibidem*, p. 89.

213 *Ibidem*, p. 101.

214 *Ibidem*, p. 103.

215 *Ibidem*.

216 *Ibidem*, p. 119.

para Wallerstein, a industrialização recebeu um impulso²¹⁷. Também houve o papel fundamental que a classe de mercadores-proprietários fez em apostar em lucrar com novas formas de produção industrial baseadas no trabalho com contratos²¹⁸. Essa nova classe de industrialistas podia ser de origem das fileiras dos yeomen estavam empenhados em altos lucros²¹⁹. Portanto, observa-se na visão de Wallerstein a relação dos cercamentos das terras, com a industrialização e com o trabalho assalariado dentro do centro da Economia-mundo capitalista europeia.

Entretanto, existe ainda um último aspecto que precisa ser abordado que é a relação entre as diferentes formas de trabalho e o sistema capitalista para Wallerstein. Como apontado pelo autor, a economia-mundo implicou em uma divisão do trabalho que só pode ser observada quando se leva em consideração o todo²²⁰. Isto é, o início da industrialização foi importante, mas isso se deu apenas com a transformação das atividades agrícolas feudais em atividades capitalistas²²¹. Mas, nem todas essas atividades capitalistas estavam baseadas no trabalho livre - apenas nas regiões centrais -²²², pois na periferia se utilizava trabalho escravizado ou “trabalho coercivo em relações mercantis” e na semiperiferia a parceria. Porém, para o autor, as motivações dos donos das propriedades em que se realizava trabalho coercivo eram capitalistas do mesmo modo como os proprietários do centro. Assim, Wallerstein²²³ aponta que

O ponto é que as «relações de produção que definem um sistema são as «relações de produção» do sistema como um todo, e o sistema nesta altura era a economia-mundo europeia. O trabalho livre é realmente uma característica definidora do capitalismo, mas não o trabalho livre em todas as empresas produtivas. O trabalho livre é a forma de controle do trabalho utilizado para o trabalho especializado nos países centrais enquanto que o trabalho coercivo é utilizado para formas menos especializadas nas áreas periféricas. A combinação é assim a essência do capitalismo.

A partir dessa passagem fica evidente que as relações de produção são analisadas a partir do sistema como um todo. Dentro dessa perspectiva, o capitalismo da economia-mundo europeia combina diversos tipos de trabalho - baseados no grau de especialização - de diferentes áreas interligadas por questões econômicas com o objetivo exclusivo de lucro.

Em outro livro intitulado “O capitalismo histórico & civilização capitalista”, Wallerstein expõe o que considera como “capitalismo histórico”. Para o sociólogo, esse termo significa o

217 *Ibidem*, p. 125.

218 *Ibidem*, p. 127.

219 *Ibidem*.

220 *Ibidem*, p. 128.

221 *Ibidem*.

222 *Ibidem*.

223 *Ibidem*, p. 129.

sistema social em que o capital passa a ser investido com a intenção primordial de auto expansão²²⁴. Nesse sentido, para ele, onde há acumulação de capital é onde se opera um sistema capitalista²²⁵. No capitalismo histórico houve também a mercantilização de processos que antes dele eram conduzidos por vias mercantis. Assim, o desenvolvimento histórico desse sistema envolveu o impulso para a mercantilização de tudo. O desenvolvimento se deu também pelo alongamento das cadeias mercantis, pois a maioria das transações passa a envolver uma cadeia de intermediários entre os produtores e os consumidores²²⁶. Esse tema das cadeias mercantis pode se relacionar com o artigo de Leonardo Marques²²⁷, onde o autor utiliza das cadeias mercantis como uma estratégia para analisar as relações entre os Estados na América Colonial e na Europa, e que pode ser utilizado na análise do surgimento do capitalismo. Portanto, Wallerstein nesse texto, tenta demonstra o funcionamento do capitalismo e traça o surgimento do capitalismo justamente na transformação do da aristocracia fundiária em burguesia, em um momento de desintegração do antigo sistema²²⁸.

Cabe agora observarmos as relações com o pensamento marxista na forma como Wallerstein observa o surgimento do capitalismo, através da “análise dos sistemas-mundo”. Caixeta expõe que para Walter Goldfrank, Wallerstein foi influenciado pelo marxismo por aproximar-se das premissas do materialismo histórico, apesar de ter se distanciado de teses marxistas notórias²²⁹. Em seguida, Caixeta coloca que Wallerstein se distanciou do marxismo em quatro pontos: (1) quando não se apoia nas ideias da força revolucionária do proletariado; (2) quando desloca a unidade de análise do capitalismo para a relação entre Estados nacionais; (3) quando alarga a temporalidade do capitalismo histórico para antes da revolução industrial e (4) por considerar que além do trabalho assalariado, existem outras formas de controle do trabalho coexistindo dentro do capitalismo²³⁰ mas que fazem parte da lógica mesma do sistema²³¹. Então é possível fazer uma diferenciação entre a interpretação marxiana e a interpretação wallersteiniana.

Como observado anteriormente, do ponto de vista marxiano, a acumulação primitiva que ocorre na Inglaterra do século XVI precede o surgimento do modo de produção capitalista. Na visão de Marx, é com a separação do trabalhador de sua propriedade que se criam as condições para

224 WALLERSTEIN, I. **O Capitalismo histórico & civilização capitalista**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2007. p. 13-14.

225 *Ibidem*, p. 14.

226 *Ibidem*, p. 27.

227 MARQUES, 2021, p. 689.

228 WALLERSTEIN, 2007, p. 91.

229 CAIXETA, 2018, p.29.

230 Aqui ainda cabe uma nota. Marx aponta na página 383 do capítulo XXV do Capital Volume I que o regime capitalista controla as camadas sociais decadentes que pertencem ao “modo de produção arcaico”. Portanto, coexistem outras formas de trabalho dentro do capitalismo. Porém, a tendência é que essas formas acabem e sejam substituídas pelo trabalho assalariado. Wallerstein não vê dessa forma, pois para ele essas outras formas de trabalho estão inseridas dentro da lógica do sistema.

231 CAIXETA, 2018, p.29.

transformar o modo de produção de subsistência em modo de produção capitalista. Wallerstein, como vimos anteriormente, observa que o início da economia-mundo capitalista europeia se inicia com a expansão geográfica dos Estados europeus pelo mundo, que se inicia com Portugal pois considera como chave o papel que os Estados tiveram na constituição dessa economia-mundo. Já Marx observa que os arrendatários tiveram um papel chave na constituição do capitalismo na Inglaterra, que valorizava seu próprio capital através da exploração dos trabalhadores assalariados de suas terras. Outro ponto fundamental da visão marxiana é que dentro de um sistema capitalista o trabalhador, expropriado dos seus meios de produção, é assalariado, tendo em vista que é através dessa forma de trabalho se que se extrai o excedente da produção capitalista, a mais-valia. Wallerstein, no entanto, observa que dentro da economia-mundo capitalista europeia coexistiram outras formas de trabalho além da assalariada que funcionavam sob a lógica capitalista: a escravidão, o trabalho coercivo produções mercantis e a parceria. O autor estadunidense enxerga que esses tipos de trabalho funcionavam dentro de uma lógica capitalista, que era sistêmica e entre Estados. Portanto, observa-se que existe uma diferença entre esses dois autores no que diz respeito às formas de trabalho no capitalismo e à origem desse sistema.

Porém, dentro de sua obra, Wallerstein se utiliza do método materialista histórico pois faz uma análise histórica do movimento econômico em determinado tempo e espaço e que dentro dela existem forças políticas, jurídicas, religiosas e sociais que entrecruzam esse movimento. Logo, conclui-se que quando Wallerstein escreve sobre a origem do capitalismo, ele é fortemente influenciado por ideias marxianas e marxistas, por mais que não seja um autor do cânone marxista.

3.2 A origem agrária do capitalismo

A última interpretação sobre a origem a ser revisada neste trabalho é a de Ellen Meiksins Wood (1942-2016), cientista política e historiadora estadunidense. Porém, antes disso, é importante observar sua trajetória intelectual para compreendermos o contexto em que essa interpretação foi produzida.

Segundo Jefferson Ferreira do Nascimento, Wood durante sua vida se empenhou em renovar o materialismo histórico, e levava em sua militância a incorporação da democracia como indispensável para o socialismo²³². Além disso, era crítica ao “stalinismo” e às expressões acadêmicas que apoiavam a ascensão de regimes totalitários²³³. A formação universitária da autora se deu entre os anos de 1950 e 1970, uma época em que havia mudanças tanto no mundo do

232 NASCIMENTO, Jefferson F. A redefinição do conceito de classe e suas implicações políticas: uma análise sobre Ellen Meiksins Wood. 166f. 2018. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ciências Sociais, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Toledo-PR, 2018.

233 *Ibidem*.

trabalho quanto no Estado, pela desmobilização de trabalhadores enquanto classe por um lado e pelo fim do Estado de Bem-Estar Social por outro²³⁴. Nascimento baseando-se em Eduardo Sartelli²³⁵, afirma que a partir dos anos 1980, Wood junto com Robert Brenner²³⁶ formulam o “Marxismo Político” - uma vertente influenciada pelo Grupo de Historiadores do Partido Comunista Britânico - com o objetivo de contrapor-se ao estruturalismo, aos pós-marxismos, marxismo analítico e outras vertentes que negavam a uma possibilidade de revolução. Nascimento ainda coloca que Edward P. Thompson foi muito influente na produção de Wood, e dando a autora aportes para reconstruir o materialismo histórico²³⁷. Portanto, a autora tinha como objetivo restaurar o marxismo na academia como uma ferramenta de análise e um instrumento político de enfrentamento ao capitalismo, em uma época marcada pela falência do socialismo real²³⁸ e da ascensão de pós-marxismo e pós-modernismo.

Nesse contexto de “restauração” do marxismo, Ellen Wood escreve seu livro “A Origem do Capitalismo”, onde a autora expõe sua interpretação sobre o início desse sistema. Este livro tem um tom crítico às diversas interpretações sobre a origem do capitalismo, sejam elas marxistas ou não. Na obra, a autora primeiramente critica o “modelo mercantil” adotado por alguns autores sobre a origem do capitalismo. Em seguida, levanta questões a diversos autores marxistas que participaram do debate da transição da década de 1950 e também autores que apareceram com interpretações alternativas a esse debate. Por fim, ela se propõe a analisar a origem do capitalismo, assim como Marx, a partir do caso inglês do século XVI.

Em linhas gerais, o “modelo mercantil” explica a origem do capitalismo como um resultado natural das práticas humanas, baseado principalmente na ideia de que o mercado foi libertado de restrições que permitiram a expansão do comércio²³⁹. Essa ideia é principalmente difundida por autores liberais que explicam o capitalismo a partir da “propensão natural humana” a trocar bens. Wood critica enfaticamente essa abordagem na seguinte passagem²⁴⁰

“[...] o modelo mercantil não demonstrou nenhum reconhecimento de imperativos que são específicos do capitalismo, dos modos específicos de funcionamento do mercado no capitalismo e de suas leis de movimento específicas, as quais, de modo singular, obrigam as pessoas a entrarem no mercado e obrigam os produtores a produzirem

234 *Ibidem*, p. 82.

235 *Ibidem*, p. 85.

236 Historiador econômico marxista que também participou do debate sobre a transição.

237 *Ibidem*.

238 *Ibidem*, p. 86.

239 WOOD, E. M. A Origem do Capitalismo. Jorge Zahar: 2001. p. 21.

240 *Ibidem*, p. 25.

“com eficiência”, aumentando a produtividade do trabalho – as leis da competição, da maximização do lucro e da acumulação de capital.”

Logo, fica evidente, na visão woodiana, que esse modelo não é suficiente para explicar a lógica do sistema capitalista e da formação da sociedade capitalista. Além disso, a autora propõe que o modelo mercantil foi sendo aprimorado desde Max Weber até Fernand Braudel²⁴¹. Pois, para ela, a ideia do capitalismo como resultado de um processo cumulativo e de longa duração é apenas como uma resposta às leis transistóricas do mercado²⁴².

Em seguida, a autora passa pelo debate da transição do feudalismo para o capitalismo, onde expõe o debate de Paul Sweezy e Maurice Dobb. Wood resume que para Maurice Dobb o feudalismo foi dissolvido por meio da luta de classes entre senhores e camponeses²⁴³. Já Sweezy via que o sistema foi destruído de fora por forças externas ao feudalismo²⁴⁴. Porém, para ela, Dobb ainda parte de pressupostos cruciais do modelo mercantil, pois²⁴⁵

Um aspecto se destaca nas teses de Dobb e Hilton: a transição para o capitalismo teria sido uma questão de libertar ou “soltar” uma lógica econômica já presente na pequena produção mercantil. Fica-nos a esmagadora impressão de que, havendo oportunidade, o camponês (e o artesão) que era produtor mercantil se transformaria em capitalista.

Assim, nessa visão, o capitalismo surgiria quando os grilhões do feudalismo fossem retirados para o capitalismo, mas o centro de gravidade seria no campo, isto é, o fim do feudalismo e o surgimento do capitalismo seriam frutos de um mesmo processo. Já para Sweezy, a autora discorda pois considera que o surgimento do capitalismo se deu através das relações de propriedade no campo, e não por influência de fatores externos. A autora então se propõe a ir além desses pressupostos para compreender a origem do capitalismo.

Em seguida, ela expõe sobre as alternativas marxistas, mais precisamente sobre o debate de Robert Brenner que se iniciou em 1976. Para Wood, esse autor ataca o modelo mercantil e buscou uma dinâmica interna que não partisse do pressuposto da existência de uma lógica capitalista²⁴⁶. Na visão de Brenner, nas relações de propriedade na Inglaterra passou a existir regras de produção capitalistas em que os produtores diretos e grandes proprietários passaram a depender do mercado para garantir sua auto-reprodução. O resultado disso foi uma nova dinâmica, uma ruptura com a antiga forma de reprodução, baseado no crescimento auto-sustentado com novas pressões

241 *Ibidem*, p. 27.

242 *Ibidem*, p.28.

243 *Ibidem*, p. 38.

244 *Ibidem*, p. 39.

245 *Ibidem*, p. 42.

246 *Ibidem*, p. 55.

competitivas que exerciam efeito na necessidade de aumentar a produtividade, o capitalismo agrário²⁴⁷. Porém, para Wood a tese de Brenner ainda não era suficiente para explicar a origem do capitalismo, pois não explica a importância da rede de comércio internacional sem a qual o capitalismo não teria surgido. Isto é, ainda se fez necessária a explicação sobre a inserção da Inglaterra no sistema internacional que determinou o desenvolvimento do capitalismo inglês²⁴⁸.

Agora se faz necessária a exposição de Ellen Wood sobre a origem do capitalismo. Para ela, a emergência do capitalismo pressupõe o feudalismo ocidental, porém, apenas o feudalismo não foi suficiente para a emergência do sistema capitalista, pois era internamente variado e produziu resultados diferentes, sendo o capitalismo apenas um desses resultados²⁴⁹. Portanto, para ela, o capitalismo surge no campo inglês com a transformação completa de relações e práticas humanas fundamentais e o rompimento de antigos padrões de interação humana com a natureza²⁵⁰. Nesse sistema a relação entre produtores e apropriadores é mediada pelo mercado. Se em sociedades pré-capitalistas, as pessoas trocavam e vendiam excedentes, no capitalismo, o mercado tem o papel de regular a reprodução social, não é mais um mecanismo simples de trocas²⁵¹. Pois, é o mercado que influencia, via a competição de mercadorias e serviços visando o lucro, os mecanismos de oferta e demanda, portanto, o modo de produzir e trocar bens. Nesse meandro, os trabalhadores dependem do mercado para vender sua mão-de-obra e os capitalistas dependem também dependem dele para comprarem a força de trabalho e os meios de produção. A questão que Wood se propõe a entender é como as pessoas se tornaram tão dependentes do mercado²⁵². Como aponta por ela, o mercado antes

247 *Ibidem*, p. 53.

248 *Ibidem*, p. 64.

249 *Ibidem*.

250 *Ibidem*, p. 77.

251 *Ibidem*, p. 78

252 *Ibidem*, p. 79.

do capitalismo era utilizado apenas para trocas em feiras locais ou através de trocas de longas distâncias e de mercadorias de luxo²⁵³.

Wood afirma que o local onde ocorreu o desenvolvimento de novas relações de produção foi a Inglaterra no século XVI²⁵⁴, mais precisamente a área rural. A tríade nas mudanças dessas relações foi entre: grandes proprietários, arrendatários e trabalhadores assalariados. Os latifundiários eram os donos das terras arrendadas para os arrendatários, e os segundos pagavam um salário para trabalhadores rurais produzirem nesses espaços. Nessa lógica, os grandes senhores de terra pressionaram os arrendatários para aumentarem sua produtividade, e os arrendatários pressionavam os trabalhadores assalariados visando o aumento da produtividade. Essa lógica criou uma agricultura eficiente que foi capaz de sustentar a população inglesa²⁵⁵ que não trabalhava no campo²⁵⁶. Com os cercamentos, criou-se uma massa de não-proprietários que viria a constituir uma grande força de trabalho assalariado e um mercado interno para bens de consumo baratos, um mercado sem precedentes históricos. Foram esses os antecedentes da formação do capitalismo industrial inglês²⁵⁷.

Os cercamentos de terra também implicaram no desenvolvimento dessas novas relações²⁵⁸. A primeira onda de cercamentos ocorreu no século XVI quando os grandes latifundiários expulsaram os plebeus das terras para a criação de pasto para ovelhas. Mas, depois da Revolução Gloriosa de 1688, ocorreram os cercamentos parlamentares, que nada mais eram do que cercamentos decretados pelo próprio Parlamento²⁵⁹. Com as terras nas mãos de grandes latifundiários, boa parte dessa terra era arrendada para os arrendatários que passaram a produzir nesses espaços. Tendo em vista que os donos já não tinham mais tantos poderes “extra-econômicos”, não podiam arrancar a renda dos seus arrendados. Então, a maneira mais eficiente com que podiam arrancar a renda dos seus arrendatários era através do estímulo - que nesse caso é a cobrança de um aluguel mais alto pela terra - visando o aumento da produtividade²⁶⁰. Nesse processo, os arrendatários ficaram então sujeitos às pressões dos seus grandes proprietários e aos imperativos do mercado, o que levou ao aumento da competição entre a classe de arrendatários²⁶¹. A partir desses pressupostos, Wood coloca que “Em outras palavras, não foram as oportunidades

253 *Ibidem*, p. 80.

254 *Ibidem*, p. 81.

255 Em 1850, 40,8% da população era urbana na Inglaterra e no País de Gales, enquanto na França ainda era 14,4% e na Alemanha 10,8% (105).

256 *Ibidem*, p. 86.

257 *Ibidem*.

258 *Ibidem*, p. 91.

259 *Ibidem*, p. 92.

260 *Ibidem*, p. 83.

261 *Ibidem*, p. 84.

proporcionadas pelo mercado, mas os imperativos deste que levaram os pequenos produtores mercantis à acumulação.”²⁶² Desta forma, fica evidente que na visão da autora o início da acumulação não se deu pelas oportunidades dadas pelo mercado, mas por seus imperativos de competição.

Wood aponta que a concepção difundida entre a elite sobre o “melhoramento” foi chave para a compreensão desse momento histórico. Para ela, o melhoramento significava “fazer alguma coisa com vistas ao lucro monetário, especialmente cultivar a terra para fins lucrativos”²⁶³. Ele não decorria de inovações propriamente tecnológicas, mas de avanços em técnicas de cultivo²⁶⁴. Também significava novas formas de concepções da propriedade, pois para o latifundiário empreendedor e o arrendatário, o cultivo melhorado significava propriedades rurais maiores e mais concentradas.

Outro ponto que a autora destaca é que com o desenvolvimento dessas formas de propriedade na agricultura inglesa houve transformação na luta de classes - o que a distingue dos demais autores marxistas - e portanto no início do capitalismo. Na Inglaterra do começo da era moderna, a propriedade constituída de forma política não era uma questão central à classe dos grandes proprietários. Essa classe pouco necessitou do recurso material direto do Estado. Os grandes proprietários ingleses dependeram do Estado apenas para impor seus interesses de classe, muito ligados ao aumento de sua capacidade econômica de apropriação, isto é, inerente aos seus interesses no controle da terra e de seus usos produtivos²⁶⁵. Já para as classes mais baixas, isso significou o aumento de conflitos em torno do direito consuetudinário da propriedade, que estava sendo infringido com os cercamentos²⁶⁶. Nesse âmbito, a autora afirma que²⁶⁷

o capitalismo foi promovido pela afirmação dos poderes dos grandes proprietários contra as reivindicações de uso consuetudinário dos camponeses.

Logo, ela vê como enganoso tratar as lutas das classes populares e mais baixas como a grande força no desenvolvimento do capitalismo. Pois as lutas populares mais subversivas contestaram essas formas de propriedade conducentes ao desenvolvimento capitalista²⁶⁸. Logo, fica evidente que as classes baixas lutavam pela manutenção da ordem social vigente, isto é, pela tradição dos costumes muito ligados ao direito consuetudinário que tinham pelas terras.

262 *Ibidem*, p. 85.

263 *Ibidem*, p. 88.

264 *Ibidem*, p. 89.

265 *Ibidem*, p. 99.

266 *Ibidem*.

267 *Ibidem*, p. 100.

268 *Ibidem*.

Como resultado desses processos, houve o crescimento de Londres e do mercado nacional, cidade essa que era o “eixo do comércio inglês”²⁶⁹, como também do mercado internacional. O mercado nacional estava unificado, integrado e competitivo, com uma agricultura e com população desapropriada²⁷⁰. Neste contexto, houve a criação de um novo tipo de sistema mercantil, que dependia de um mercado interno altamente desenvolvido e capaz de consumir bens de uso cotidiano²⁷¹. Também, essa dinâmica se expandiu para além de suas fronteiras geográficas, transformando a Inglaterra no centro de um sistema de comércio internacional²⁷². Isso criou uma nova forma de imperialismo colonial, não mais baseada apenas em conquista de territórios e de pilhagem, mas de expansão através de imperativos capitalistas baseados em produção competitiva e no aumento do consumo.

O último ponto assinalado por Wood foi quanto ao capitalismo, imperialismo e industrialização. Ela ressalta que o comércio e o imperialismo não foram as causas primárias para o desenvolvimento do capitalismo industrial inglês. A causa primária foi o capitalismo agrário inglês através dos seguintes pontos: o setor agrícola produtivo e a massa de proletários²⁷³. Sem o primeiro, que era capaz de sustentar uma grande força de trabalho não-agrícola, não haveria capitalismo industrial²⁷⁴. E sem o segundo, não haveria um mercado de consumo de massa para bens cotidianos e baratos que impulsionam a industrialização²⁷⁵. Segundo Ellen Wood, o capitalismo agrário criou um mercado integrado²⁷⁶

e as relações sociais de propriedade em que ele estava enraizado forneceram não só os meios, mas também a necessidade de produzir bens de consumo numa nova escala, e também de produzi-los com eficiência de custos, de maneiras determinadas pelos imperativos da competição, da acumulação e da maximização de lucros, juntamente com seus requisitos de aumento da produtividade do trabalho.

Inferi-se a partir dessa passagem, que é apenas com a transformação das relações sociais de propriedade - que obrigou as pessoas a produzirem competitivamente - que explica a mudança das forças produtivas do capitalismo moderno. Logo, a partir dessas transformações se resulta uma sociedade de mercado necessária para a industrialização. Concomitantemente a esse processo, por

269 *Ibidem*, p. 106.

270 *Ibidem*.

271 *Ibidem*.

272 *Ibidem*, p. 107.

273 *Ibidem*, p. 109.

274 *Ibidem*, p. 110.

275 *Ibidem*.

276 *Ibidem*, p. 111.

causa do surgimento das leis de movimento capitalistas, ocorre o processo de proletarização das massas²⁷⁷.

Terminada a última exposição, agora é possível realizar a última análise da influência do pensamento marxista deste trabalho. É evidente que Ellen Wood é influenciada por Marx pois baseia sua interpretação da origem do capitalismo amparada de várias noções marxianas do capítulo XXIV do *Capital*. Também, é fato que Wood veio de uma geração posterior a do debate dos anos 1950, e por isso conseguiu analisar de forma total essa discussão para assim desenvolver seu próprio ponto de vista. Isso fica evidente quando no tomo 2 intitulado “Debates Marxistas” da parte 1 de sua obra²⁷⁸, aponta que dentro da obra de Marx houveram duas interpretações sobre a origem do capitalismo: (1) a de que o capitalismo já existira dentro dos “interstícios do feudalismo” e (2) que o capitalismo tem a ver com a mudança das relações de propriedade na zona rural inglesa²⁷⁹. A primeira tem origem em suas obras do início, como “Manifesto do Partido Comunista” e “Ideologia Alemã”. Já a segunda versão está presente em livros mais maduros do autor como “Elementos de crítica à economia política” e no “Capital”. Logo é observável que os autores desse debate se baseiam nesses alicerces²⁸⁰. Fica evidente, durante a exposição da autora, que ela tem como alicerce a segunda versão e se propõe a responder todas as interpretações que se baseiam na primeira alternativa.

Cabe agora, encontrarmos aproximações e distanciamentos do pensamento woodiano e do pensamento marxista. Em primeiro lugar, a autora se baseia no método materialista histórico para descrever essa obra, até porque, como se viu na tese de Jefferson Ferreira do Nascimento, ela queria reforçar esse método na academia numa década de triunfo liberal. É por esse motivo que ela se dedicou em demonstrar os processos que levou à mudança do modo de produção feudal para o capitalista. Também, Ellen Wood assim como Marx, fez uma análise da origem do sistema capitalista utilizando os cercamentos, mesmo que não de modo central e amparada também na mudança das relações de propriedade, que no caso é na separação dos camponeses de suas terras, do ponto de vista marxiano a expropriação dos produtores diretos. Tanto para a autora quanto para Marx, esse processo é a acumulação primitiva. Ela também aponta o trabalho assalariado como chave para o funcionamento do sistema capitalista. Além disso, enfatiza a luta de classes como um importante fator nesse processo, especialmente como quando houveram disputas entre as classes dominantes e as dominadas pela posse das dos campos ingleses, pois enquanto as primeiras representavam o progresso do capitalismo, as segundas lutavam pela manutenção do

277 *Ibidem*.

278 WOOD, E. M. *A Origem do Capitalismo*. Jorge Zahar: 2001.

279 *Ibidem*, p. 36.

280 *Ibidem*, p. 37.

tradicionalismo. A grande diferença entre os autores é o papel dos arrendatários neste processo. Se para Marx os arrendatários pressionaram os trabalhadores assalariados nos campos, para Wood os latifundiários também pressionaram os arrendatários a aumentar a produtividade, e portanto aumentar a disputa entre arrendatários no mercado.

A partir dos pontos analisados acima, fica evidente que Wood também possui uma visão marxista sobre a origem do capitalismo, mas que não é uma visão marxista “clássica” se comparada às visões que surgiram no debate de transição dos anos de 1950. Porém, como apontado por Nascimento, Ellen Wood aparece em uma época em que o marxismo estava perdendo espaço dentro da academia e tenta restabelecer o método materialista histórico como uma possibilidade dentro da academia. Logo, se a autora utiliza de interpretações, conceitos e métodos marxianos a fim de produzir um conhecimento científico sobre a origem do capitalismo, ela de fato é influenciada por essa corrente de pensamento e pode ser chamada de marxista.

Considerações finais

O tema da origem capitalismo movimentou muitas discussões acadêmicas e continua movimentando até os dias de hoje. Se no passado, alguns autores, como expôs Braudel²⁸¹, propuseram acabar com o uso dessa palavra, a realidade demonstra que essa palavra é necessária e o estudo sobre a origem desse sistema precisa ser continuamente revisitado. Isso se dá porque a natureza desse sistema de se auto expandir até culminar em uma crise é cíclica. A cada crise, diversas áreas da vida humana em todo o sistema internacional são afetadas. É por isso que o estudo constante e as revisões dos debates sobre esse tema se fazem necessários.

Assim, esse trabalho demonstrou, a partir da revisão bibliográfica, que não existe um consenso acadêmico sobre a origem desse modo de produção, mas que estudá-lo é cada vez mais necessário para entendermos o contexto em que vivemos, isto é, na realidade que nos cerca pautada no comércio, na acumulação e na competição. Desta maneira, podemos concluir que as quatro interpretações sobre a origem do capitalismo isoladamente não conseguem abarcar todas as complexidades do sistema, mas podem servir como complementares umas às outras para observar o longo processo de formação do capitalismo e sua expansão.

Apesar das interpretações de Marx terem sido revisadas por diversas gerações de acadêmicos e acadêmicas, estas continuam sendo presentes e norteadoras de discussões sobre a acumulação primitiva, a concentração de terras, a escravidão, a luta de classes, as crises sistêmicas do capitalismo, a desigualdade social e a concentração de riqueza nas mãos de poucas pessoas.

281 BRAUDEL, F. *Civilização material, economia e capitalismo: séculos XV-XVIII, o jogo das trocas*. 2 ed. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda, 2009, p. 206.

Assim, estudar a origem do capitalismo para Marx e para autores e subsequentes, é essencial para refletirmos sobre o mundo em que vivemos e pensarmos em métodos para a superação desse sistema, visando principalmente uma alternativa socialista que garanta dignidade na vida de todos os seres humanos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERWANGER, G. S. **Do Feudalismo ao Capitalismo: Diferenças e divergências no debate marxista e outros desdobramentos.** 2016. 43p. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2016.

BÖHM-BAWERK, E. von. **Teoria Positiva do Capital Vol. 1.** 2ª edição, São Paulo: Nova Cultural, 1988.

BOTTOMORE, Tom. **Dicionário do Pensamento Marxista.** Materialismo histórico. Editora Zahar, 1988.

BRAUDEL, F. **A dinâmica do capitalismo.** Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1987.

BRAUDEL, F. **Civilização material, economia e capitalismo: séculos XV-XVIII, O jogo das trocas.** 2 ed. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda, 2009.

BRAUDEL, F. **Civilização material, economia e capitalismo: séculos XV-XVIII, O tempo do mundo.** 2 ed. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda, 2009.

BURKE, P. **A Revolução Francesa da Historiografia: a Escola dos Annales 1929-1989.** 2 ed. São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista, 1992.

CAIXETA, R. L. **O Estado no sistema-mundo moderno: um estudo sobre permanências baseado na obra de Immanuel Wallerstein.** 2018. 264p. Dissertação (Mestrado em Direito Público) Faculdade de Direito de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, 2018.

CUNHA, J. F. **Economia mundo e a escrita estrutural da história** Um estudo de Fernand Braudel. 2011. 378f. Tese (Doutorado em História Econômica) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, São Paulo, 2011.

DAY, J. **Fernand Braudel and the Rise of Capitalism.** Social Research, vol. 47, no. 3, 1980, pp. 507–18.

DURANTE, M. dos S. **As Relações entre a Escravidão e o Capitalismo: leitura da trajetória intelectual de Eric Williams de 1932 a 1944.** 2021.

DEYON, P. **O Mercantilismo.** 3 ed. São Paulo: Perspectiva, 1992.

FERNANDES, Florestan. **Marx e Engels: História.** São Paulo: Editora Ática, 1989, 3 ed.

- HILTON, R (org.). **A transição do feudalismo para o capitalismo**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2004. p. 31
- MARIUTTI, E. B. **A transição do feudalismo ao capitalismo: um balanço do debate**. 2000. 200f. Dissertação (Mestrado em História Econômica) – Instituto de Economia da UNICAMP, Campinas, 2000.
- MARQUES, L. **Cadeias mercantis e a história ambiental global das américas coloniais**. Esboços, Florianópolis, V. 28, n. 49, p. 668-697, set./dez. 2021.
- MARX, K. **O Capital**. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1996.
- MARX, K. **Para a Crítica da Economia Política**. In: Os Pensadores Marx São Paulo: Nova Cultural. 1996.
- MATHIAS, C. L. K. **A tese de Williams e o Antigo Sistema Colonial: notas sobre um debate clássico**. História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography, Ouro Preto, v. 6, n. 11, p. 190–209, 2012.
- NASCIMENTO, Jefferson F. **A redefinição do conceito de classe e suas implicações políticas: uma análise sobre Ellen Meiksins Wood**. 166f. 2018. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ciências Sociais, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Toledo-PR, 2018.
- SCHIERA, Pierangelo: verbete “Estado Moderno” in BOBBIO, Norberto, MATTEUCCI, Nicola & PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de Política**. 8 ed. Brasília: Editora da Unb, 1995.
- SMITH, A. **A mão invisível**. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2013.
- WALLERSTEIN, I. **O Capitalismo histórico & civilização capitalista**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2007. p. 13-14.
- WALLERSTEIN, I. **O sistema mundial moderno**. Porto: Afrontamento, 1990.
- WEBER, M. **História Geral da Economia**. Capítulo IV. In: Os Pensadores Max Weber. São Paulo: Editora Abril, 1980. 2 ed.
- WILLIAMS, E. **Capitalismo & Escravidão**. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras. 2020.
- WOOD, E. M. **A Origem do Capitalismo**. Jorge Zahar: 2001.